

1984 É AGORA

O que o clássico de George Orwell – romance que completa 70 anos em 2019 – tem a ensinar sobre o presente?

ILUSTRAÇÃO: VISCA

EDI TO RIAL

O clássico 1984, do escritor inglês George Orwell (1903-1950), completa 70 anos em 2019. Aproveitando a efeméride, o **Cândido** convidou Ignácio de Loyola Brandão para escrever sobre o romance. Mas o recém-imortal da Academia Brasileira de Letras fez mais do que uma simples análise. Foi além. Em texto com a verve que marca seus melhores momentos na ficção, o autor de *Zero* (1974) relaciona alguns dos temas mais urgentes levantados em 1984 (repressão, manipulação de informação, vigilância do Estado) com o momento vivido no Brasil e no mundo, onde em muitos sentidos a ficção de Orwell se torna cada vez mais real.

“E quando vejo a vida idealizada naquele que ainda é um dos romances mais assustadores que já li?”, pergunta o autor do também clássico *Não verás país nenhum* (1982), romance que bebe na fonte do próprio 1984 e de outras obras emblemáticas, como *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley.

A trajetória pessoal do autor de *A revolução dos bichos* (1945) também ganha espaço. Um perfil biográfico mostra como Orwell, que morreu de tuberculose aos 46 anos e cujo nome real era Eric Arthur Blair, teve uma existência meteórica e intensa: foi funcionário da Polícia Imperial Indiana, lavador de pratos em Paris, jornalista da BBC e soldado voluntário na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) — onde levou um tiro na garganta.

O **Cândido** também resgata um texto do escritor e jornalista Sérgio Augusto que relaciona a repressão sexual em Oceânia, o país onde se passa 1984, com as ideias do psicanalista alemão Wilhelm Reich e seu livro *A psicologia de massas do fascismo* (1933). O texto de Augusto foi originalmente publicado em 1984 na *Folha de S.Paulo* e revisto pelo autor para esta edição.

Na coluna Pensata, o professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) João Cezar de Castro Rocha, autor de *Exercícios críticos: Leituras do contemporâneo* (2008) e *Machado de Assis: Por uma poética da emulação* (2013), discute os caminhos da crítica literária em tempos de internet e redes sociais. Já o escritor paranaense Domingos Pellegrini comenta a relevância de *Os sertões* (1902), clássico de Euclides da Cunha, nos dias de hoje. Outro grande escritor, o americano Kurt Vonnegut, tem sua trajetória revista em reportagem do jornalista e editor Omar Godoy. O autor de *Café da manhã dos campeões* (1973) tem sua obra novamente valorizada no Brasil, com a recente publicação de livros



KRAW PENAS

importantes, como *Matadouro-cinco*.

O fotógrafo Eduardo Macarios apresenta imagens da mostra *Por dentro da Biblioteca*, com fotos da Biblioteca Pública do Paraná que exploram o projeto arquitetônico do interior do prédio e evidenciam o contraste entre o antigo e o moderno na BPP, instituição que em março completou 162 anos.

Outro destaque é a transcrição do bate-papo com o escritor e jornalista Sérgio Rodrigues (foto), que abriu a temporada 2019 do projeto Um Escritor na Biblioteca. Na conversa, o romancista fala sobre o desenvolvimento de alguns de seus livros, como

O drible (2013) e *Elza, a garota* (reeditado em 2018), além de comentar temas como o futebol na literatura e o espaço que os autores de ficção têm hoje na cultura brasileira.

Entre os inéditos, a edição traz poemas de Rodrigo Tadeu Gonçalves, Yasmin Nigri e Marina Colasanti — que em agosto lança novo livro de poesia —, além de conto de Bernardo Ajzenberg e fragmento do próximo romance de Guido Viaro, o 15º da carreira do escritor curitibano. A ilustração da capa é do artista Visca.

Boa leitura!

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**
Secretário de Comunicação Social e Cultura: **Hudson José**
Superintendente de Cultura: **Luciana Casagrande Pereira**
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**
Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski**
Redação: **João Lucas Dusi e Omar Godoy**
Estagiário: **Bruno Orsatto Lanferdini**
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

Colaboradores desta edição:
André Dahmer, Bernardo Ajzenberg, Domingos Pellegrini, Eduardo Macarios, Guido Viaro, Ignácio de Loyola Brandão, João Cezar de Castro Rocha, Kraw Penas, Marina Colasanti, Rodrigo Tadeu Gonçalves, Sérgio Augusto, Visca e Yasmin Nigri.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br
[/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação.

bpp.pr.gov.br
[bibliotecapr](https://www.facebook.com/bibliotecapr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

NOVA ANTOLOGIA POÉTICA (1966-2017)

Ruy Espinheira Filho, Patuá, 2018

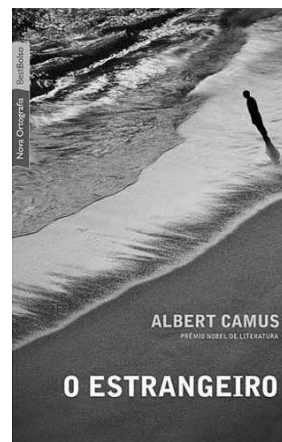
Nesta coletânea, o baiano Ruy Espinheira Filho faz um amplo recorte de sua própria obra, que conta com dezenas de títulos e se iniciou em 1974, com *Heléboro*. Mais de 40 anos depois, *Nova antologia poética (1966-2017)* traz desde seus primeiros versos publicados em livro até os mais recentes, de *Milênios e outros poemas* (2016) e *Noite alta e outros poemas* (2015), passando por outros momentos de suas premiadas obras, como *Memória da chuva* (1996), que levou o Prêmio Ribeiro Couto, e *As sombras luminosas* (1981), vencedora do Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa.



O ESTRANGEIRO

Albert Camus, BestBolso, 2013
(Trad.: Valerie Rumjanek)

O romance mais conhecido do argelino Albert Camus conta a história do personagem Meursault, um homem indiferente ao mundo, que lhe parece tão sem sentido. No início, o protagonista vai ao enterro da sua mãe sem esboçar sentimentos. A partir desse fato, ele segue vivendo apático, com os dias passando pálidos debaixo do sol escaldante da Argélia. Certo dia, envolve-se numa confusão e acaba assassinando um árabe numa praia. Começa então a segunda parte do romance, onde se desenvolve o destino do protagonista, que segue indiferente ao próprio julgamento. Camus expõe, com uma escrita poética e natural, uma visão absurda do mundo, criando assim uma das obras mais intensas e pungentes da literatura moderna.



O JOGO DA AMARELINHA

Julio Cortázar, Civilização Brasileira, 1999
(Trad.: Fernando de Castro Ferro)

A partir das andanças de Horacio Oliveira por Paris e Buenos Aires, o leitor se vê emaranhado num labirinto psicológico tão hilariante quanto melancólico, em que — como no jogo que dá título à obra — o objetivo é chegar ao céu. Na primeira parte, “Do lado de lá”, quem dá o tom da narrativa é Maga, que mantém um relacionamento esquizofrênico com Oliveira e acaba devastada por uma morte precoce. Na segunda parte, “Do lado de cá”, o protagonista regressa à Argentina e passa a conviver com o casal Manú e Talita. Em toda a obra, que ainda conta com uma terceira parte optativa, evidencia-se um existencialismo que descamba para o *nonsense*, trazendo um protagonista que, sempre que possível, escolhe o absurdo ao choro frente à vida e seu despropósito.



HISTÓRIA DE JOIA

Guilherme Gontijo Flores, Todavia, 2019

Joia, uma mulher negra e batalhadora, é a protagonista deste que é o primeiro romance do poeta e tradutor Guilherme Gontijo Flores. O livro é dividido em 22 capítulos curtos, baseados nos arcanos maiores do Tarô, e narra um dia da vida de Joia a partir das mais variadas perspectivas. Ao longo da história, Gontijo experimenta muitas linguagens (indo, por exemplo, do rap ao fluxo de consciência, da acumulação caótica ao monólogo interior e da citação bíblica às colagens) e constrói uma história recheada de referências, que vão do erudito ao pop. Um livro fragmentado e aparentemente caótico, mas que no final entrelaça o leitor em um painel narrativo bastante interessante.



curta da BPP



BATE-PAPO COM CÍNTIA MOSCOVICH

A convidada de maio do projeto Um Escritor na Biblioteca é a gaúcha Cíntia Moscovich. O bate-papo acontece no dia 14, às 19h, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada gratuita. Nascida em 1958, em Porto Alegre, Cíntia estreou com os contos de *O reino das cebolas* (1996). Também é autora da novela *Duas iguais — Manual de amores e equívocos assemelhados* (1998) e de *Anotações durante o incêndio* (2000), ambos vencedores do Prêmio Açorianos de Literatura. Além de outra incursão pela narrativa breve com *Essa coisa brilhante que é a chuva* (2012), pelo qual levou os prêmios Portugal Telecom de Literatura e Clarice Lispector (da Fundação Biblioteca Nacional), transitou pelo romance com *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) e já foi publicada em diversas antologias nacionais e estrangeiras.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, João Cezar de Castro Rocha discute os caminhos da crítica literária em tempos de internet e redes sociais.

OCASO DO CRÍTICO – EXPANSÃO DA CRÍTICA

JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA

A pergunta sobre a crítica literária — e seus descontentes e muito provavelmente seu desaparecimento — talvez tenha sido colocado de um modo inadequado. Por isso, as respostas que arriscamos são cada vez menos satisfatórias.

Não é mesmo?

Vejam.


Como levar a sério alguém que defendesse o exercício da crítica literária como um valor em si mesmo e, por alguma razão obscura, confiasse nos métodos empregados desde o século XVIII e entronizados no século XIX? Não seria um *stand-up* involuntário procurar pelo Sainte-Beuve do século XXI ou emular Álvaro Lins nos textos apressados do Facebook?

Tal anacronismo somente faria sentido — e não se esqueça do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas do criativo Pierre Me-

nard borgiano — se a crítica literária, como atividade socialmente reconhecida, dispusesse de uma fonte constante de legitimação. Isto é, se a literatura permanecesse no centro do circuito comunicativo, imune à onipresença da cultura audiovisual e do universo digital, então a crítica literária manteria uma posição olímpica na ordem dos discursos.

E não é tudo.

Tal anacronismo exigiria outro passo — mais arriscado. Vale dizer, a crítica literária apenas poderia ser entendida como uma atividade estável, infensa à história, se essa qualidade residisse na fonte de sua legitimação: a própria literatura. No entanto, ninguém parece disposto a atribuir uma propriedade essencial à literatura; afinal, a historicização do conceito já possui uma respeitável história. Nesse sentido, a história literária que tal-



O crítico alemão Erich Auerbach (1892–1957), autor do clássico *Mimesis*.

vez ainda possa ser escrita pouco tem a ver com a narrativa cronológica de processos de canonização de obras num contexto determinado. Pelo contrário, ela deve mapear as controvérsias relativas à definição mesma de literatura. E, por que não?, tal história poderia inclusive considerar a superação do conceito; no mínimo, supor uma transformação radical do que poderíamos denominar *experiência literária*, que se descobriria independente da ideia tradicional de *literatura*.

Ray Bradbury já sabia das coisas em 1953! Aliás, no mesmo ano, Erich Auerbach escreveu o obituário da noção clássica e humanista de literatura em seu ensaio *Philologie der Weltliteratur*.

O romanista alemão lamentava o desaparecimento de uma geração de renomados críticos cujo horizon-

REPRODUÇÃO.



te existencial foi inteiramente forjado pela experiência literária, que, naquela época, encontrava-se intrinsecamente associada à literatura. O mundo que emergiu da Segunda Guerra Mundial, americanizado e fundamentalmente audiovisual, era um mundo novo não necessariamente admirável aos olhos de Auerbach, e em muitos aspectos era tão diverso que dificilmente seu perfil poderia ser antecipado. Contudo, uma

O romancista projetou uma alternativa ao inevitável declínio vis-

lumbrado pelo romanista. Recorde-mos o diálogo revelador entre Faber e Montag. O momento é tenso: o bombeiro não pode mais seguir na faina de queimar livros, pois decidiu preservá-los e sobretudo resolveu aprender com eles. O professor aposentado respirou fundo e situou o problema numa dimensão muito mais ampla, com vocação antropológica:

—Você é um romântico incorrigível — disse Faber. — Seria cômico se não fosse trágico. Não é de livros que você precisa, é de algumas coisas que antigamente estavam nos livros.

As mesmas coisas poderiam estar nas ‘famílias das paredes’. Os mesmos detalhes minuciosos poderiam ser transmitidos pelos rádios e televisores, mas não são. Não, não. Absolutamente não são os livros o que você está procurando! Descubra essa coisa onde puder, nos velhos discos fonográficos, nos velhos filmes e procure em você mesmo. Os livros eram um só tipo de receptáculo onde armazenávamos muitas coisas que receávamos esquecer.¹

A agudeza do autor autoriza a analogia (nada perfeita, reconheço): se o objeto livro não contém a experiência literária, que pode ser imaginada em materialidades as mais diversas, o exercício crítico não é refém do ofício da crítica — literária ou de qualquer outra área. O ocaso do crítico literário não significa obrigatoriamente o naufrágio da crítica.

Num ensaio recente, *Sem título*, Ricardo Lísias deu um passo decisivo nessa direção. Ele analisa, à luz da potência da arte contemporânea, a decisão inesperada do desembargador Rogério Favreto que ordenou a concessão de *habeas corpus* ao ex-presidente Lula. Nas palavras de Lísias, Favreto “produziu uma série de decisões jurídicas que, tomadas em conjunto e consideradas em seu contexto, acabaram causando o maior abalo que a Operação Lava Jato sofreu até agora”.²

A reflexão de Lísias é brilhante: o despacho de desembargador não foi acolhido porque, apesar de estar em férias, o ex-juiz Sérgio Moro fez valer sua vontade por meio de intempestivos telefonemas. Ao fazê-lo, involuntariamente expôs “que a famosa Operação Lava Jato (...) fuge à ordem

jurídica” (p. 5). Nesse sentido, “o desembargador agiu como um brilhante performer” (p. 7), pois trouxe à luz os excessos da Operação.

Sem título merece um estudo mais detalhado e pode mesmo favorecer uma mudança de modelo crítico. De imediato, limito-me a compartilhar a conclusão do autor: “A arte precisa aumentar seus limites, expandindo-se para além de suas formas comuns e lançando mão de ferramentas de várias naturezas. Precisamos reunir tudo e nos reunir” (p. 75).

Substitua-se arte por crítica e podemos surpreender um caminho novo na expansão da atividade apesar do ocaso do crítico profissional. No fundo, ampliação do exercício em virtude do desaparecimento do ofício. ■

Notas

1. Ray Bradbury. *Fahrenheit 451*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2011, p. 120-21.
2. Ricardo Lísias. *Sem título. Uma performance contra Sérgio Moro*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018, p. 5. Nas outras ocorrências, citarei apenas o número de página.

JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA

é professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Recebeu em 2014 o prêmio Ensaio e Crítica Literária, da Academia Brasileira de Letras, e em 1998 o Prêmio Mário de Andrade, da Biblioteca Nacional. É autor de, entre outros, *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo e Crítica literária: em busca do tempo perdido?*.

CONTO | BERNARDO AJZENBERG

FESTA E PAÚRA

Incrédulo em relação a tarô, búzios ou vidência, por sugestão da esposa tinha procurado anos antes uma sensitiva, pagando-lhe cinquenta reais para dela ouvir o anúncio de algo próximo do caos. Mas seria caos no casamento, disse a adivinha, a ameaça de turbulências ríspidas e dores, com risco alto, em paralelo, de impotência ou frieza — nada negativo nas finanças, trabalho ou negócios. O casamento, porém, seguiu bem, entre os mesmos picos e vales dos seus conhecidos, sem impotência ou frieza, razão pela qual esqueceu o assunto.

Tudo programado, mas podia não acontecer. Foi só quando Jorge bateu o martelo referente à venda do lote 619 que a conquista se consagrou. Assim que o jurado do Guinness confirmou o feito com uma piscadela, a festa meticulosamente planejada eclodiu. Funcionários saltaram balões, sorriram com efusão. A pequena plateia bateu palmas.

Do púlpito, brandindo o martelo de estimação salpicado de incrustações douradas — aquele que mais gostava de usar, indefectível como a batuta de um maestro e que julgava dar sorte —, ele exibiu o seu sorriso branco e largo, bateu de leve com a ferramenta na própria testa num gesto jocoso e soltou o grito selvagem: hip urra! Todos gritaram viva!

O objetivo fora definido meses antes. Estudou em detalhes os leilões mundo afora. Precisaria vender mais de 600 lotes em sete horas. Os auxiliares contataram o Guinness. Pagaram assessoria. Estavam todos preparados, física e mentalmente. A hora tinha chegado.

Apesar do ar-condicionado, Jorge sentiu um calor se empapar subitamente entre as pernas e gotas de suor escorrerem nas têmporas quando o olhar de um dos presentes alcançou o seu, e uma espécie de raio se desenhou no caminho povoado de gente que havia entre os dois. Buscou por um lenço nos bolsos, em vão. O homem não sorria; tampouco saudava nenhum conviva; nenhuma simpatia brotava dele; trazia uma pasta de couro sob o braço esquerdo; permanecia imóvel ao lado da porta, como se fosse, ele próprio, a porta, aberta, prestes a se fechar.

Jorge não a esperava para esse dia, mas sabia o motivo daquela presença, e a paúra ganhou forma: o salão teve suas dimensões diminuídas, carabinas, escopetas, espingardas, fuzis, garruchas, metralhadoras, pistolas, revólveres ou rifles, acoplados a espadas, facas, facões, estiletos ou canivetes, se ergueram diante dos seus olhos ameaçando soterrá-lo. A realidade se distorceu ainda mais ao som da comemoração no momento em que o representante do Guinness, de terno e gravata, subiu no estrado para lhe entregar o certificado, ambos posando conforme o ritual a encarar com solenidade o fotógrafo contratado para a ocasião.

O que o atormentava? Paciente à espera do pior diagnóstico? A certeza angustiante da impossibilidade de encarar com dignidade o inevitável caminho rumo à morte? Talvez tivesse sido mais prudencial de sua parte registrar um testamento vital, autorizando que na hora da decisão outros pudessem, não necessariamente antecipar a sua morte, mas ao menos garantir com lealdade que ela se desse de modo natural, sem mais retardamentos. Jamais passara pela sua cabeça, como agora, a possível iniciativa de constituir um inventário extrajudicial, ainda que não fossem muitos os herdeiros. Mas Jorge sabia que aquele sujeito não era médico nem tabelião.

O local ficou mais repleto ainda, o público continuava a aplaudir, o tempo pareceu se estagnar, funcionários sorriam como em câmera lenta; um bolo com velas surgiu e ele soprou, e foi então, no instante de beijar a esposa, que explodiram dentro do corpo os soluços violentos, espasmos

bruscos, uma respiração logo irregular, tudo sem lágrimas, mas também sem controle nem engano; o sarcasmo antes explícito se dissipava no movimento de flores flutuantes enquanto mãos dúbias surgiam de todos os lados a parabenizá-lo.

Jorge sempre enfrentou sem pudores o medo da insignificância que o acompanhava desde pequeno, quando, para ganhar um jogo, já não hesitava em trapacear — tal como fazia de ofício aliás, a seu juízo, aquela sensitiva dos búzios. E o recorde mundial atingido agora, após décadas de pequenos, médios e grandes negócios escusos, consolidaria sua trajetória.

A partir de certa idade mudamos a nossa forma de mastigar e de deglutir as coisas — não só os alimentos. O festejado leiloeiro exultava triunfante, mas trêmulo de pavor: sabia não ter saída alguma para além das algemas que o aguardavam naqueles bolsos escuros e amplos, a poucos metros dali. ■

BERNARDO AJZENBERG nasceu em São Paulo (SP), em 1959. É escritor, tradutor e jornalista. Traduziu mais de 20 livros, especialmente do espanhol e do francês. Ficcionista, é autor de *Varições Goldman* (1998), *A gaiola de Faraday* (2002, prêmio de Ficção do Ano da Academia Brasileira de Letras), *Homens com mulheres* (2005, finalista do prêmio Jabuti) e *Olhos secos* (2009), entre outros livros. Foi coordenador executivo do Instituto Moreira Salles e ombudsman do jornal *Folha de S.Paulo*.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

SÉRGIO RODRIGUES

O escritor e jornalista mineiro Sérgio Rodrigues abriu a temporada 2019 do projeto Um Escritor na Biblioteca, que ainda traz mais sete autores ao auditório da Biblioteca Pública do Paraná até o final do ano. Nascido em Muriaé, cidade do interior de Minas Gerais, Rodrigues cresceu em uma casa com livros e sua iniciação literária teve também influência da pintura.

DA REDAÇÃO



O encantamento se deu cedo, por volta dos 7 anos de idade, ao descobrir as ilustrações do francês Gustave Doré (1832-1883) que estampavam as páginas do “Inferno”, uma das três partes do livro *A divina comédia*, do italiano Dante Alighieri (1265-1321). “Aquilo tinha um erotismo sombrio, torturado. Não sei nem como é que me deixavam folhear”, comenta o autor que estreou com os contos *d’O homem que matou o escritor* (2000).

Como ganha-pão, porém, Rodrigues optou pelo jornalismo. Atualmente é roteirista do programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo, e assina coluna na *Folha de S.Paulo*. Sobre essa necessidade de levar uma “vida dupla”, entre a literatura e o trabalho jornalístico, diz que consegue conciliar aos trancos e barrancos. “Acho que seria difícil de conciliar com qualquer profissão, uma vez que a literatura não paga todas as suas contas. Na verdade, paga pouquíssimas delas, mesmo que você venda é muito difícil”.

Dezenove anos depois de estreitar na ficção, a produção do autor de *As flores de Flowerville* (2006) é espaçada mas sólida. Com o romance *O drible* (2013), que nasceu de um conto que a princípio integraria seu livro de estreia, venceu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura — atual Prêmio Oceanos.

Outra obra festejada de Rodrigues é o romance *Elza, a garota* (reeditado em 2018), que nasceu de uma encomenda do editor Alberto Schprejer. O livro mescla fatos históricos com ficção ao narrar a trajetória de Elza, morta pelo Partido Comunista. A escolha estética reforça a tendência do autor de caminhar entre a fantasia e o realismo — aliás, foi o próprio autor quem propôs essa combinação, uma vez que os arquivos de Elza foram extirpados da Biblioteca Nacional e não seria possível

fazer uma biografia suficientemente informativa. “Para minha surpresa, até porque eu tinha certeza que eles não iam topar uma maluquice dessas, mas toparam”, comenta.

Na conversa, Rodrigues também falou sobre o *status* do escritor brasileiro na cultura (“Nos tornamos figuras muito periféricas”), o futebol como inspiração para nossa ficção e seu próximo livro, uma coletânea de contos chamada *A visita de João Gilberto aos Novos Baianos*, que deve ser lançada em junho deste ano.

MAGIA LITERÁRIA

É muito importante quando você dá a sorte de nascer numa casa que tem livros. Isso já é meio caminho andado. A curiosidade infantil de ver aquelas lombadas na estante e imaginar: “Um dia eu vou poder ler isso”. Eu tinha muita curiosidade. Meu pai e minha mãe eram leitores, minha mãe principalmente. Não era uma biblioteca de centenas de volumes, mas tinha ali os clássicos brasileiros, universais, algumas encadernações bonitas. Lembra de olhar para aqueles livros desde pequeno com uma curiosidade que era quase meio “abestada”. Aquilo tinha uma magia para mim. Acredito que, mais tarde, quando comecei a ler de fato, aquela magia foi de alguma forma desmistificada, porque os livros se mostraram mais acessíveis e mais concretos do que quando eram só lombadas na parede. Mas aquela magia, de alguma forma, acho que fica e te alimenta como leitor.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Sou um cara do interior de Minas. Nasci numa cidade chamada Muriaé — que hoje nem é tão pequena, mas na época era bastante pequena. As cidades do interior do Brasil não têm bibliotecas, ou melhor, não têm livrarias. Bibliotecas elas têm, que é o que

salva. Depois que esgotei os livros na casa dos meus pais, comecei a correr atrás de outros. Era muito difícil ter acesso. Hoje em dia você vai para a internet, compra e entregam na sua casa. Na época, tinha o Círculo do Livro, que preenchia um pouco esse papel de levar livros aonde a rede de livrarias do Brasil não chegava, como não chega até hoje. O Círculo do Livro era um clube que você se associava e podia escolher umas edições, e eles entregavam na sua casa. Li muita coisa do Círculo do Livro. E também das bibliotecas públicas, que acabavam sendo uma grande salvação. Nunca tive escolas com boas bibliotecas. É uma deficiência, acho, bastante comum. Morei em outras cidades também, os meus pais se mudavam bastante, sempre no interior. Só com 17 anos fui para o Rio de Janeiro, e aí tudo isso muda, porque você está num lugar em que os livros circulam muito. Mas essa minha experiência do interior mostra a grande importância da biblioteca na vida de um leitor. As poucas pessoas — infelizmente, acabam sendo poucas — que naquele meu ambiente quiseram ler, e tiveram uma curiosidade crescente sobre livros e literatura, acabavam caindo nas bibliotecas — que não eram nenhuma maravilha, mas já supriam, pelo menos tinham lá todos os modernistas. Li muita coisa assim.

DIVINA COMÉDIA

O primeiro livro marcante na minha vida é um do qual eu não entendia uma palavra. Era uma edição muito bonita da *d’A divina comédia*, do Dante. Com 6 ou 7 anos comecei a folhear para ver as ilustrações, principalmente as do “Inferno”. Eram incríveis. O “Paraíso” e o “Purgatório” eram meio chatos, mas no “Inferno” as pessoas estavam nuas e se contorcendo. Eram ilustrações famosas de um francês chamado Gustave Doré,

e aquilo tinha um erotismo sombrio, torturado. Não sei nem como é que me deixavam folhear. O encanto que aquilo ali me proporcionava se manteve ao longo da vida.

HQs

Eu sabia desenhar, queria ser desenhista. Só que comecei a fazer HQs. E ali pelos 12 anos comecei a produzir muito. Eu desenhava ok, era um desenhista com um pequeno talento, mas comecei a perceber que as histórias ficavam melhores do que os desenhos. Então o texto começou a ganhar uma importância ali dentro daquele negócio que eu estava fazendo e com o tempo, pouco tempo na verdade, achei que era melhor abrir mão do desenho e ficar só com as histórias. Foi um caso em que o escritor acabou engolindo o desenhista. Mas eu não era totalmente desprovido de talento para o desenho, até gostaria de ter levado mais à frente isso, essa coisa do traço.

PRIMEIROS PASSOS

A primeira história escrevi quando era muito pequeno. Minha mãe guardou umas coisas, mas é coisa de criança mesmo. Só que eu já encadernava, recortava aquilo, fazia um desenho, costurava e dizia que era um livro. É uma coisa que surgiu como uma brincadeira realmente bem cedo. Mas resolvi mesmo que ia ser escritor com 14 anos, e comecei a escrever contos. Era uma época, anos 1970, que tinha uma coisa chamada “boom do conto brasileiro”. Tinha muita revista de conto, muito livro de conto sendo lançado. Era um momento muito rico para o gênero. Tinha a mística do contista mineiro, muitos contistas eram de Minas Gerais, e as pessoas falavam: “Os mineiros têm o jeito”. E eu, como era mineiro, falava assim: “Pô! Então já tenho meio caminho andado”. E fiz esse plano maluco de ser

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

escritor, aos 14 anos. Acho que é um pouco cedo pra você estar preocupado com isso, mas foi uma decisão mesmo — vou escrever, vou ser escritor. E eu não sabia nem o que isso significava em termos profissionais. Era um desejo, um pouco como ser astronauta. Só que botei mãos à obra: comecei a escrever contos e inscrevê-los em concursos pelo país inteiro.

SAINDO DO ARMÁRIO

Tinha muito concursinho assim: Concurso de Contos de Santos, Concurso de Contos da Prefeitura de Goiânia, da Academia de Letras de Maceió. Eu via essas coisas no jornal e comecei a mandar meus contos. Gagnei meu primeiro prêmio aos 15 anos, pela Academia Santista de Letras, e, com o aval de uma instituição, tive a coragem de sair do armário e me assumir perante minha família como escritor, que era uma coisa que até então eu fazia de maneira muito envergonhada. Eles ficaram apavorados, obviamente, mas acharam que aquilo ia passar. Não passou.

EMBRIÃO

O conto que foi o embrião d'*O drible* é sobre um jogador com poderes sobrenaturais, que é filho de uma mãe de santo e usa certa mediunidade dentro de campo em benefício do seu futebol. É um conto que seria publicado no meu primeiro livro, *O homem que matou o escritor*, mas resolvi tirar porque achei que aquilo precisava ser trabalhado e, na verdade, merecia crescer. Era uma história muito anedótica, essa do jogador, mas achei que ela precisava estar numa moldura histórica e social para reverberar e dizer o que eu achava que ela precisava dizer sobre o

Brasil, e não ser só uma estorinha engraçadinha, o que era até então. E isso virou uma obsessão, um grande problema na minha vida. Tentei abandonar várias vezes, mas aquela história acabava voltando. Acho que, na verdade, eu não estava pronto para escrever *O drible*. Não tinha condições técnicas de escrevê-lo. É um livro muito difícil, que lida com 50 anos de história, tem muitas idas e vindas. É uma estrutura bastante complicada e eu precisava aprender a escrever esse livro, então talvez por isso tenha demorado tanto.

VINGANÇA

Adoraria ter sido jogador de futebol se tivesse talento, mas não tinha. Acho que o fato de ter escrito *O drible* tem muito a ver com isso. É uma espécie de vingança contra a natureza. Tenho um irmão que era muito bom de bola, o que torna tudo mais difícil ainda, porque é um irmão mais novo que tinha o maior prestígio nas peladas, nos jogos e tal. Mas eu era muito esforçado — um centroavante rompedor, com pouca habilidade, mas tinha altura, bom chute. Joguei bola pra caramba, mas sabia das minhas limitações e que jamais poderia sonhar com uma carreira. Agora, sem brincadeira, acho que *O drible* nasce daí mesmo, de eu ser muito apaixonado por isso, de ter passado muitas horas praticando esse troço, vendo jogos, lendo sobre futebol. Virei jornalista esportivo, né?! Quando me torno jornalista, meu primeiro cargo é de repórter do esporte. Acho que tem aí um encaminhamento que começa lá com as peladas de garoto. Quando lancei *O drible*, o grande Tostão, do Cruzeiro e da Seleção Brasileira de 1970, tricampeão do mundo e que virou cronista

esportivo, gostou muito do livro. Ele escreveu uma coluna na *Folha de S.Paulo* dizendo que aquele era o livro que ele gostaria de ter escrito. Isso para mim foi uma grande felicidade. Respondi que trocava *O drible* por meia dúzia de gols dele. Na boa, acho que eu ia sair no lucro ainda.

LITERATURA E ESPORTES

A literatura brasileira é elitista demais para dar qualquer colher de chá, para dar qualquer importância ao futebol, o que eu acho que é uma meia-verdade. Não tenho nenhuma dúvida de que a literatura brasileira é elitista, mas ao mesmo tempo conheci muitos escritores e jornalistas que adorariam fazer um romance sobre futebol, eram realmente apaixonados por aquilo e se não fizeram há outras razões em jogo. Uma delas, com certeza, é o fato de que não é muito fácil você levar qualquer esporte para ficção porque os esportes já são narrativas prontas, fechadas, autossuficientes. Você já tem os heróis, os vilões, os dramas, as comédias, a tragédia, o “Maracanaço”. Os personagens são maiores que a vida, como Garrincha, completamente inverossímeis. Se você os inventasse, ninguém acreditaria: o sujeito que tem perna torta e se torna um dos maiores jogadores da história. Então, assim, não é muito fácil você chegar com as mentiras — a ficção, no final das contas, é um conjunto bem engendrado de mentiras — e jogar dentro desse mundo. Acho que tem uma série de coisas que jogam contra. Agora, isso não é exclusivo do futebol. É uma característica do esporte. Se você parar para pensar, tem pouca literatura boa feita com esportes em qualquer lugar do mundo. Não tem um grande romance italiano de Fórmula 1. Ou um grande romance japonês de Artes Marciais. Não é uma coisa que combine muito. O futebol é, sem dúvida alguma, crucial na cultura brasileira, mas não quer dizer que ele tenha que se traduzir facilmente ou mecanicamente para o discurso de uma arte. A mesma coisa ocorre com o Carnaval. O Carnaval é crucial na cultura brasileira, talvez não tanto no Paraná, mas em grande parte do Brasil, e você não tem também uma literatura vibrante. Têm alguns contos, têm algumas coisas boas, o futebol tem também, mas você não tem uma literatura, vários romances, que tratem do Carnaval.

CLÁSSICO BRASILEIRO

O negro no futebol brasileiro, do Mario Filho, é uma delícia de ler. Ele era um cronista de mão-cheia, irmão do Nelson Rodrigues. Acho que a família toda tinha isso no sangue, de escrever crônica como deuses. É um cara que era jornalista esportivo e foi juntando histórias que até então eram transmitidas apenas oralmente sobre anos de fundação do futebol brasileiro, já talvez meio misturado com



lendas também, com exageros e tal. Ele registra uma história oral que do contrário teria se perdido, entrevistando deus e o mundo, principalmente do futebol do Rio de Janeiro, mas não só, e conta isso com uma prosa divina. A linha dele é vagamente sociológica porque a partir do título fica claro que o lance do Mario é provar que o futebol brasileiro foi inventado pelos negros, importado como um jogo dos clubes brancos da elite, e ele é jogado nos primeiros anos de uma maneira medíocre, uma simples imitação do que os ingleses faziam, do que os europeus faziam, e como toda imitação, ficava aquém, abaixo. Só que as pessoas, os pobres, os negros, os mestiços brasileiros, que não tinham acesso àqueles clubes se encantam por aquele esporte e começam a jogar do lado de fora, nas ruas, nas ruas esburacadas, na várzea, com bolas de meia. E essa própria precariedade acaba obrigando essas pessoas a criar uma série de recursos, de habilidade de controle de bola e de invenção que simplesmente revolucionam o futebol. Os caras come-

çam a jogar tanto que os próprios clubes de elite acabam, em algum momento, sendo obrigados a abrir as portas — não em nome da igualdade racial ou social, mas em nome do interesse esportivo: queriam ganhar os campeonatos e os caras estavam jogando bem demais para serem ignorados. Então, de certa forma, é a história da formação de uma nação, que acontece até hoje, com avanços e retrocessos — às vezes um baita de um retrocesso, como eu acho que nós estamos vivendo agora. Mas assim, não é um livro de um sociólogo nem de um antropólogo. É um livro de um jornalista, de um escritor, mas a história que ele conta é a história da formação de uma nacionalidade.

ELZA E O PARTIDO

Elza, a garota é resultado de uma encomenda do Alberto Schprejer, um editor carioca que estava na Nova Fronteira na época. Ele queria uma biografia da Elza, uma moça que foi assassinada, uma adolescente analfabeta, que não era nem uma militante comunista, apenas a namorada do secretário-geral do Partido [Comunista]. Uma pessoa bastante ingênua e que ficou sob suspeita de estar entregando os companheiros quando a repressão do Getúlio caiu em cima de todo mundo no pós-Intentona. O Partido a condenou à morte e, enfim, ela foi assassinada com uma cordinha de varal pelos próprios companheiros e enterrada no quintal. Isso foi descoberto alguns anos mais tarde. Foi usado também numa campanha de propaganda anticomunista violentíssima do governo Vargas.

Por isso digo que esse anticomunismo brasileiro tem muitos erros, e erros do Partido, como o fato de terem vindo pessoas, agentes estrangeiros enviados de Moscou, para fazer essa suposta revolução que foi um fiasco. Pegou muito mal com o sentimento patriótico nacional. Os caras eram capazes de trazer estrangeiros para cá para derrubar o nosso governo. Mas essa biografia que a editora queria eu logo percebi que não daria para escrever. Seria impossível por algumas razões: primeiro, que todos os grandes personagens da história já tinham morrido quando eles fizeram essa encomenda, então não teria mais quem entrevistar, pessoas que tivessem visto aquilo em primeira mão. Na verdade, consegui apenas uma entrevista com uma militante comunista que conheceu a Elza. Segundo, que as pastas dela nos arquivos públicos tinham sido em grande parte destruídas, acho que pela esquerda, porque a Elza tinha se tornado um esqueleto horrível no armário. Você chegava no arquivo público, na Biblioteca Nacional, encontrava pastas da Elza Fernandes e não tinha nada dentro. A memória dela foi literalmente apagada. Então cheguei para a editora e falei: “Olha, uma biografia não rola, seria muito fraca, com 90% de contexto histórico e só 10% de história da Elza. Acho que isso não é uma boa biografia. Que tal fazer um romance em que a ficção preencha as lacunas, que tenha muita pesquisa, uma pegada de não ficção, um rigor, mas que tenha essa liberdade de usar a ficção para preencher as lacunas?”. Para minha surpresa, até porque eu tinha certeza que eles não iam topar uma maluquice dessas, eles toparam. Fiz esse livro em um ano porque tinha um prazo, um contrato. As encomendas funcionam bem para mim.

NARRATIVA LONGA

➔ Não acho que o conto seja um

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



estágio anterior ao romance. Não acho nada disso. São gêneros autônomos, cada um com suas dificuldades e seus pontos fortes. Mas, no meu caso, sempre quis chegar a uma narrativa mais longa. Acho que é onde eu me sinto mais feliz mesmo, mais realizado como autor. E os meus contos começaram a ficar longos. O próprio *O homem que matou o escritor* é um livro que tem apenas cinco contos, já são longos. Nenhum deles tem o tamanho de um conto do Dalton Trevisan. Depois até fiz, experimentei minicontos. *O Sobrescritos* é um livro de narrativas muito breves, muito curtas, mas acho que tinha desde o início uma ansiedade por chegar à narrativa longa. O ponto de virada é *As*

sementes de Flowerville, meu primeiro romance. Acho que é um romance ainda muito verde, de aprendiz mesmo, de um contista que estava tentando esticar um pouco mais o fôlego da sua história. Em seguida, com o *Elza*, isso já era, digamos, fácil. Já era natural, então acho que teve um aprendizado.

TODO PROSA

O *Sobrescritos* não nasceu como um livro, mas como uma coluna no meu blog de literatura chamado Todo Prosa. Foi bastante influente e muito visitado por toda a literatura brasileira entre 2004 e 2008. Depois ele continuou, mas esse foi o auge, num momento em que blogs eram importantes. Hoje não são mais importantes, né? As redes sociais ocuparam o espaço. As pessoas iam para os blogs para se encontrar, e o Todo Prosa virou um ponto de encontro. Às vezes eu acordava, abria o computador e já tinha lá umas 20 pessoas dando “bom dia” umas para as outras. Elas dispensavam a minha presença, inclusive, os papos circulavam entre eles. E eu fazia comentários, resenhas, notícias do mundo literário, mas tudo com uma linguagem de jornalista. Era um blog de não ficção, nunca quis escrever ficção na internet. A internet é um meio um pouco árido, não é muito acolhedor para criação literária. Mas até uma certa altura, até por diversão, tinham certas coisas que eu queria dizer no Todo Prosa que já não cabiam mais no discurso jornalístico. Queria, sei lá, fazer uma brincadeira com alguma coisa que tinha ouvido, então mudava os personagens e criava uma outra história. Comecei a escrever ficçãoezinhas ali, que chamei de “sobrescritos”. Era uma rubrica dentro do Todo Prosa que, de vez em quando, aparecia lá um continho sempre de humor muito crítico a esse mun-

do da literatura. Os personagens eram escritores, editores, tradutores, críticos e tinha sempre uma visão bastante ácida de flagrar o que tem de vaidade, o que tem de vazio — as rivalidades, os inimigos mortais que se digladiam por uma bobagem, uma coisa que ninguém está prestando muita atenção, porque em literatura ninguém está prestando muita atenção.

CORRESPONDENTE

Viver fora do seu país é sempre bom, te dá uma visão, de uma certa distância, que permite enxergar coisas que você estando muito dentro não enxerga. É possível que isso tenha acontecido em relação à língua também. Eu era correspondente do *Jornal do Brasil*, escrevia diariamente em português. Não é uma questão de estar distante da língua, mas, não sei muito bem, acho que era o fato de não estar imerso nela, e foi isso que me fez voltar. Depois de dois anos tive ofertas pra ficar lá, o que talvez não fosse uma má ideia, em termos profissionais, mas sentia que o escritor em mim estava morrendo por estar fora da minha língua. Por mais que a praticasse diariamente, não estava ouvindo ela 24 horas por dia e não estava mergulhado nela como a gente está mergulhado aqui. Voltei, mas não fui logo escrever sobre língua. Isso foi um passo posterior que surgiu, de uma maneira até um pouco fortuita, quando me ofereceram uma coluna na revista de domingo do mesmo *Jornal do Brasil*, já numa outra fase, em 2001.

VIVA A LÍNGUA

BRASILEIRA!

O *Viva a língua brasileira!* nasce de um consultório gramatical, só que daí começo a responder àquelas dúvidas dos leitores — “é com ‘x’ ou com ‘s’?” — tentando dar a eles uma pers-

pectiva histórica. “É assim, mas nem sempre foi assim”, “é assim mas tá deixando de ser assim” ou “tanto faz.” Esse tipo de resposta que em geral irritava um pouco as pessoas no início. “Não, eu quero saber o que eu respondo lá na prova.” Eu falava: “Escuta. Na prova você responde isso, mas tem mais aí”. Isso veio de uma maneira bastante casual, dessa mistura, de um olhar de escritor, um olhar bastante lúdico e livre sobre a língua com obrigação de dar conta das demandas dos leitores que saem da escola aparentemente se sentindo muito despreparados em relação à língua portuguesa.

DIVERSÃO E SOFRIMENTO

Me divirto bastante escrevendo e sofro muito também. Acho que todo mundo, né?! Gosto muito de reescrever, tenho muito prazer em editar. O livro para mim só fica pronto quando eu o edito. Às vezes mudo completamente a ordem das coisas, intercalo e tal. Esse é um momento de grande prazer mesmo, muito lúdico. Agora, há momentos em que a escrita é quase um transe, é mais do que um prazer, é uma exaltação. Mas não dá para você só escrever nessa hora, porque senão você não vai escrever nunca, ou rarissimamente. Você tem que sentar e fazer aquilo com uma regularidade, com uma disciplina, senão você não consegue realmente chegar muito longe. É um trabalho e, como todo trabalho, têm momentos em que é profundamente chato. Você poderia estar fazendo qualquer outra coisa no mundo em vez de estar ali, mas tem que estar ali, é o seu trabalho. Se você não tiver um prazer grande em algum momento, aí é melhor não fazer. Não pode também ser só uma coisa chata, mas que tem muita chatice, tem.

JORNALISMO E LITERATURA

Consgo conciliar aos trancos e barrancos a literatura com o jornalismo. Acho que seria difícil de conciliar com qualquer profissão, uma vez que a literatura não paga todas as suas contas. Na verdade, paga pouquíssimas delas, mesmo que você venda é muito difícil. Se você não é a Thalita Rebouças nem o Paulo Coelho, acaba tendo que ter um trabalho, um emprego, uma profissão, enfim. Emprego não necessariamente, emprego é uma coisa cada vez mais difícil, mas você tem que ter um ofício, e eu acho que o de jornalista é um ofício do qual não me arrependo nem um pouco de ter escolhido. Foi uma escolha, na época, de um adolescente que não



sabia muito da vida, mas acho que acertei. Já que o objetivo era ser escritor, ter virado jornalista foi muito melhor para mim do que se eu tivesse ido por um outro caminho que seria talvez mais natural até, que era Letras. O jornalismo abriu um monte de portas, me deixou menos provinciano. Eu era um garoto do interior e depois estava morando em Londres, quer dizer, isso tudo devo ao jornalismo. É uma profissão, sem dúvida, fascinante, te bota nos ambientes mais variados, então te dá uma visão da sociedade que poucas profissões conseguem dar. Se você é um repórter de jornal, você pode estar no mesmo dia no palácio e na favela, e frequentemente você está. Não é todo mundo que tem essa possibilidade. Em geral, o seu trabalho te limita a um certo universo. Sou um entusiasta da profissão de jornalista. Agora, toma muito tempo. Demorei muitos

anos a conseguir abrir espaço na rotina de jornalista para que o escritor pudesse funcionar, pudesse fazer alguma coisa que prestasse. Na verdade, o meu primeiro livro só saiu aos 37 anos por causa disso basicamente, porque até então o jornalismo ocupou tudo. Quando comecei a poder fazer um jornalismo mais autoral, coisa das colunas e tal, aí sim você consegue abrir um espaço para a literatura ou para qualquer coisa que você quiser fazer fora de uma redação, porque as redações, pelo menos no meu tempo, são muito absorventes. Quando você está ali no *front* do jornalismo, é difícil achar tempo. Agora, hoje em dia a minha relação com o jornalismo é outra. Trabalho muito mais de casa. Não é sempre que dá, mas tento sempre manter o escritor funcionando, mesmo que em fogo baixo às vezes. ■

ARTIGO | DOMINGOS PELLEGRINI

MONTANHA NÃO É CHATA

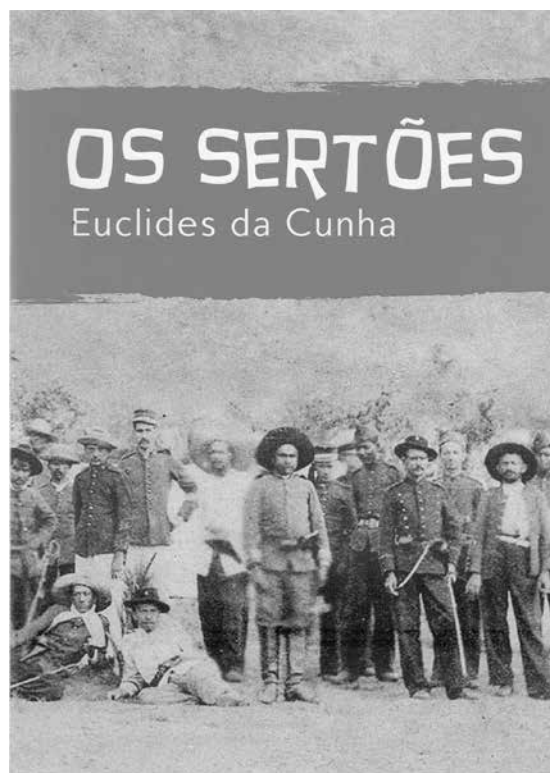
Um breve cometário de Domingos Pellegrini sobre *Os sertões*, Euclides da Cunha e João Antônio

Ronaldo Bressane, na edição de março do **Cândido**, pincelando sobre João Antônio, aproveita para respingar no “chato do Euclides da Cunha”. Isso se justifica se leu apenas a primeira parte de *Os sertões*, “A Terra”, que é chata mesmo, até por tratar da geologia plana do sertão baiano, cenário da Revolta de Canudos. Mas a parte “O Homem” já é um monumento interessantíssimo de psicologia social, apresentando os personagens daquela revolta com que ele revelaria dois Brasis aos brasileiros, no primeiro livro-reportagem entre nós. Com visão antropológica que ultrapassa a tríade positivista meio/homem/momento por ele mesmo adotada para estruturar o livro, Euclides ousa até comparar o sertanejo com o gaúcho, com criatividade nada usual nos espíritos científicos.

Em seguida, “A Luta”, além de ser narrativa das mais densas e envolventes, é uma montanha ética, num país com críticos que parecem viver num deserto ético — por exemplo a endeusar incondicionalmente o monstro Machado de Assis, conforme Manuel Bandeira usando a palavra no seu pior sentido.

João Antônio, que conheci em Londrina, me apadriñou ao levar meu livro *O homem vermelho* à Editora Civilização Brasileira (que, símbolo de resistência à ditadura militar e fonte de visões para um novo mundo, porém prosaicamente nunca me pagou direitos autorais...). Lembro de João falando entusiasmado de Euclides a louvar a bravura sertaneja e a denunciar, até com fotos, barbaridades do governo republicano, como enviar para prostíbulos de todo o país as 800 mulheres apreendidas em Canudos. Mas isso, claro, é ético, é chato.

A previsibilidade é chata, mas Euclides foi para Canudos, a convite do jornal *O Estado de S. Paulo*, como correspondente de guerra de Canudos, pois já escrevera dois artigos no jornal denunciando a revolta como tentativa de restauração monárquica. Chegando lá, porém, ao contrário da própria previsão e do jornal, descobre e revela o Brasil



do interior, oposto em pobreza e comportamento ao Brasil do litoral. Descobre que os sertanejos não lutavam pela monarquia, mas por liberdade de crença. Revela a estupidez do Exército a que ele mesmo pertenceu, desde que, cadete ainda no Império, jogou a espada aos pés do ministro da Guerra como protesto republicano. Sua narrativa transborda de comovente compaixão pelos soldados feridos, entretanto também candente admiração pela bravura e pelos valores sertanejos.

Diante de uma república que se afirmava pela força, Cunha que o sertanejo é que era, antes de tudo, um forte. Detecta heróis sertanejos e ridiculariza comandantes militares, embora também ressalte o valor dos soldados naquele inferno militar, em relatos de extraordinário impacto e estupefata densidade ética. Foi a Cunha para condenar mas, durante cinco anos na sua cabana de zinco como engenheiro de uma ponte em São José do Rio Pardo, escreveu o livro que compreenderia não só Canudos como todos os sofrendores da História.

Num tempo de visões polarizadas, cegas e surdas pelas ideologias, ler *Os sertões* é escalar uma montanha que, em vez de oferecer simplicidade e fáceis concordâncias, convida a longas vistas e complexas explorações. Até a própria vida de Euclides quebrou qualquer molde usual, ao ser morto pelo amante da mulher, que ele tentou matar, sendo vitimado pela mesma arma e do mesmo homem que sete anos depois mataria seu primogênito Euclides da Cunha Filho. Mas, mesmo que tivesse vivido mais 100 anos, provavelmente Euclides não teria erigido uma nova montanha à altura de seu *Os sertões*. Chato? Não, não existem montanhas chatas.■

DOMINGOS PELLEGRINI nasceu e vive em Londrina (PR). Além de jornalista e cronista, é contista, romancista e poeta. Autor de vasta obra, com mais de 30 livros publicados, dentre os quais *O homem vermelho* (contos, 1977), *Terra vermelha* (romance, 1998) e *Pequenices* (crônica, 2014). Em 2018 publicou o romance *Mulheres esmeraldas*.

ENIGMA

Onde fios de água
Atravessam a luz da noite

Mulheres são como cisternas vulneráveis

Danço entre dez palavras que repelem meu peito aberto
Viajo pelo equívoco de outros rostos

No sinistro rumor por onde correm os homens
As crianças são como Deus:

Presenças fechadas na franja de um enigma

TUDO QUE PODE SER DITO SOBRE A LUZ (EXCERTOS)

7.

Gostaria de reter a leveza
Das primeiras vezes

Que vi desenhos
Em nuvens

Meteram-nos rodas
Embaixo dos pés

Proibiram-nos
Cruzar grandes rodovias

Sem o auxílio das tais rodas
Como antigamente o faziam artistas e outras pessoas
normais

Não tenho automóvel
Não tenho dinheiro

Na minha cidade
Não costumam dar caronas

E no Brasil
Não recomendam a uma mulher que viaje sozinha

Então cavo a distância
Com o nó do silêncio na garganta

Os olhos cansados de te não ver

Às vezes sinto o sexo coçar
E cito o poeta que leva o seu nome

Amo
Como quem se afoga

12.

A mulher oscila porque seu coração é mais perto da cabeça

13.

Terá sobrado alguém
Para reconhecer
O amor

Quando Ele estender-se do chão
Levantando as mãos?

14.

Deus é uma mulher que descansa em pensamento ■

YASMIN NIGRI nasceu em 1990. É poeta, artista visual e crítica literária. Formou-se bacharel e é mestre em filosofia pela Universidade Federal Fluminense. *Bigornas*, seu livro de estreia, foi publicado em 2018 pela Editora 34. Colabora com a revista *Caliban* e possui um canal no *Youtube* chamado *Alokadostutoriais*.

REPORTAGEM

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

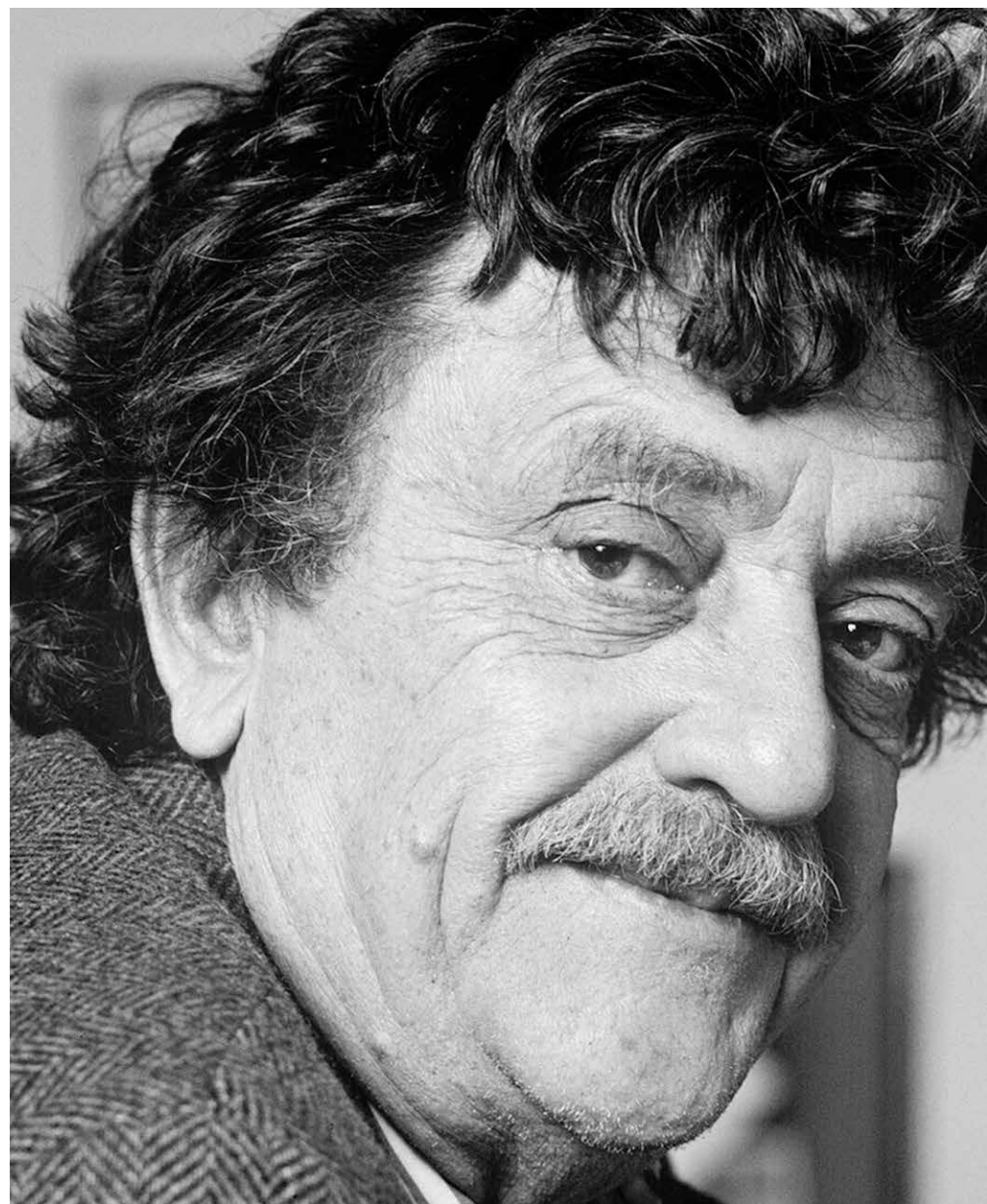
Cultuado pelas novas gerações, Kurt Vonnegut (1922-2007) ganha reedição brasileira de seu clássico *Matadouro-cinco*, publicado há 50 anos

OMAR GODOY

Publicado em 1969, *Matadouro-cinco*, do norte-americano Kurt Vonnegut (1922-2007), trata da experiência do autor como combatente na Segunda Guerra Mundial — mas poderia ser sobre qualquer outro conflito bélico. Não à toa, foi recebido na época do lançamento como uma espécie de crítica indireta à participação dos Estados Unidos no Vietnã, que ainda estava longe de terminar.

Vonnegut repudiava essa interpretação e, sempre bem-humorado, confessava sua verdadeira motivação para escrever o livro: queria ficar rico vendendo os direitos da história para Hollywood (o que realmente aconteceu na década seguinte). Piada ou não, o fato é que seu relato dos bombardeios na cidade alemã de Dresden, em 1945, possui um inegável caráter universal, capaz de sintetizar o horror de todas as guerras. Uma história triste, obviamente, porém contada em tom de sátira e com fortes traços de ficção científica, duas marcas registradas do autor.

Para celebrar os 50 anos da obra, a Intrínseca acaba de lançar uma reedição especial de *Matadouro-cinco*, com formato de capa dura e tradução de Daniel Pellizzari. É o primeiro de três livros de Vonnegut a serem publicados pela editora — *Player piano* (1951) e *Café da manhã dos campeões* (1973) ainda não têm previsão de chegada ao mercado. O alvo principal é a audiência jovem, cada vez mais interessada no legado do autor (cuja obra inclui mais de 30 livros, entre romances e coletâneas de contos e ensaios).

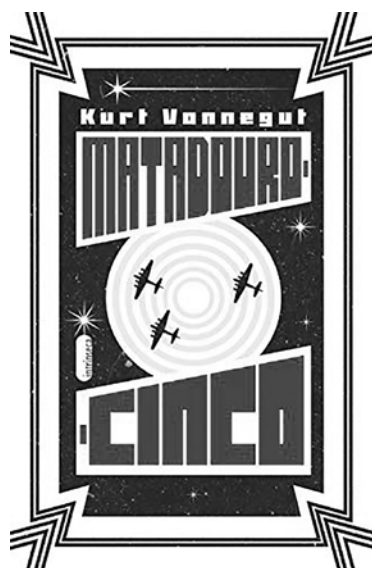


Uma das provas desse encanto por parte das novas gerações é o grande número de perfis *fake* atribuídos a Kurt Vonnegut no *Twitter*. São contas sem qualquer ligação com editoras ou a família do escritor, mas que se dedicam a multiplicar suas inúmeras tiradas geniais. “Podemos especular que o mundo está cada vez mais absurdo, e que autores como Vonnegut se encaixam mais do que nunca ao espírito de nosso tempo”, explica o tradutor, escritor e doutor

em Teoria Literária (USP) Antônio Xerxenesky, responsável pelo texto de apresentação da nova edição de *Matadouro-cinco*.

Ele também cita a linguagem simples, clara e fragmentada de seus livros como fator de atração de novos leitores. “Vonnegut se recusava a escrever de modo empolado, buscando uma voz muito própria de um cidadão ordinário. Esse estilo envelhece melhor, talvez, e por isso soa contemporâneo até hoje”, reflete.

REPRODUÇÃO



Sobre o uso do ponto e vírgula, por exemplo, Vonnegut era enfático: “Eles não querem dizer nada. São travestis hermafroditas. São só uma forma de exibicionismo, de mostrar que você foi à universidade”, dizia, em suas palestras sobre escrita, criação e observação do mundo.

Outra característica marcante do estilo vonnegutiano é a narração de eventos fora da ordem cronológica. Ou melhor: na grande maioria de seus livros, os acontecimentos são

simultâneos — presente, passado e futuro existem ao mesmo tempo. Pelo menos é assim que os tralfamadorianos, a raça alienígena que aparece constantemente em sua obra, veem as coisas. Ao longo de *Mata-douro-cinco*, o protagonista Billy Pilgrim “viaja” de forma não linear por lugares e situações vividas em diferentes épocas de sua trajetória: de uma viagem em família durante a infância ao sofrimento como prisioneiro em Dresden (onde se refugiou,

durante os bombardeios, no matadouro que dá nome ao livro), passando pela rotina como um optometrista bem-sucedido após a guerra e o período em que foi capturado e mantido em cativeiro num zoológico intergalático.

FICÇÃO CIENTÍFICA

Graças a essa aproximação com a ficção científica, Kurt Vonnegut ainda hoje é lembrado por muitos como um autor do gênero. Uma definição imprecisa, segundo o jornalista e escritor Roberto Muggiati, que traduziu dois livros do norte-americano, escritos em fases bem diferentes de sua carreira — *Player piano* (o primeiro romance, publicado originalmente em 1952 e lançado no Brasil em 1973 como *Revolução no futuro*) e *Um homem sem pátria* (de 2006, composto de ensaios curtos e ilustrações do próprio autor). “O cenário induziu a crítica a catalogar Vonnegut como um autor de ficção científica, mas nada é muito simples nele”, afirma.

Para Antônio Xerxenesky, houve uma tentativa de deslocá-lo desse rótulo após a consagração entre os críticos. “Afinal, a ficção científica é vista com muito preconceito, assim como os outros gêneros ditos ‘menores’, e segmentos da crítica não aceitam que um livro seja esteticamente impactante e pertencente a um gênero popular ao mesmo tempo”, diz. E completa: “Podemos falar, talvez, de ‘ficção especulativa’. Se nos anos 1970 já existisse o rótulo *new weird*, aplicado hoje em dia a autores como China Miéville, talvez Vonnegut tivesse se encaixado nessa subcategoria”.

O escritor publicou seu último romance, *Timequake*, em 1997, mas continuou produzindo ensaios e textos curtos até o fim da vida. Questionado sobre os possíveis herdeiros literários de Vonnegut, Xerxenesky não pensa duas vezes: “Tom Robbins, um autor que fez bastante sucesso no Brasil nas décadas de 1980 e 90 e anda fora de catálogo há tempos. Também vejo influências de Vonnegut em Robert Anton Wilson, escritor *cult* engraçadíssimo, fissurado em sociedades secretas e teorias da conspiração, que merece um *revival* no Brasil”.

Muggiati pensa diferente. “O pânico que domina o mercado editorial em todos os níveis nestes dias de crise não deixa nenhuma brecha para criatividade ou inovação. As grandes editoras, apequenadas, só querem apostar no que elas julgam certo. A esta altura, os herdeiros literários de Vonnegut estão por aí em outras mídias: HQs, *YouTube*, *blogs* ou fazendo cinema”, conclui. ■

POEMA | RODRIGO TADEU GONÇALVES

FALA

I

se cada poema pede começar com se
 se cada poema espera uma resposta ele
 é uma entidade
 dê-se-lhe voz e que se espere o que se espera
 como se cada poema num livro não soubesse
 não ser outra coisa que não um novo se
 um novo ser que
 se propõe como voz que ecoa e aguarda
 a resposta
 de outro poema que não
 — necessariamente —
 lhe responde ou ecoa

se o livro fosse dois
 e a cada jorro de voz soubesse
 que outra voz lhe encontraria
 com olhos
 e uma voz que, contraposta
 ,
 soubesse tudo
 em espelhos de
 histórias
 em aguardos
 em pequenos apertos
 ou agulhas que
 furam sem furar
 o que se
 quer deixar
 furar

II

então,
 aponha-se uma mesa entre os poemas
 velha, maciça
 como borda, limite
 porta
 que não fecha mas não abre
 porta
 no meio de um quarto em que nunca se viu porta
 com escada por trás

e os poemas só conversam
 estabelecem regras
 :
 concordam não saber como findar
 esperam destruir suas medidas
 esquecem que não podem se tocar
 pois são não mais que vozes, devaneios
 a rima, abandonada, jaz, aguarda
 pois já não se quer rimas:
 favor queimar meu livro, não tá bom
 “me deixa em paz, me deixa, eu vou morrer”

.
 mas
 não deixe queimar
 queimar é só querer

a voz perdura
 ensina a esperar
 deixa a voz
 é uma bela voz
 esquece a urgência do
 queimar —
 não é pra já

III

vem cá, me ajuda a abrir
 a caixa
 se de lá
 o que nunca é só o presente
 observa
 os belos cantos fundos essa caixa

de fato
 se de tanto se
 olha,
 a caixa é só mais parte
 do universo
 não fura o que está fora
 ocupa
 espaço
 um dia ela reverte ao

nada
de onde veio
é caixa
de dentro saem amarrações
confortos nos dizeres
responde

IV

mas ah
o mundo sempre acaba
não cessa de não acabar
visando o fim

afasta o elevado
o desgastado
que antes te prendia

se tudo é sempre só reunião
de coisas que jamais se tocam
por que devemos nos tocar?
como podemos nos tocar?

V

e é assim mesmo que é
responde a cada um
dos que te vêm no jorro
do arrebatamento
deixa sempre aberta a fresta
do raio de sol
que
invade
porque invade
porque não há sequer um jeito
de evitar que o sol
que sempre esteve lá
pereça só depois
de tudo
de todos nós

e saberemos, insignificantes,
que fomos só palavras

VI

e como é que poderemos saber
quando saberemos
se

um canto em muitas vozes não ressoa
um único dizer
mas deixa-se explodir na forja do sentido

escuta atenta

é só mais que a homonímia,
não saem todos do mesmo:
mas todos diferentes soam
simultâneos

perplexos, ouvimos
habitamos o indizível
queremos mais do que é dizível
e o que ele diz lá
pra além do quando finalmente se pode entender

é monólogo silencioso
expandindo
a calma

VII

não quero te chamar de nome algum
se você pode ser qualquer das coisas
que habitam o universo das palavras
esconde do terraço, da janela
o longo contemplar

e uma breve silhueta
parada, afeita à suspensão de
todo julgamento
para o tempo e olha
pra fora da janela
quando ninguém mais vê ■

RODRIGO TADEU GONÇALVES nasceu em Jaú (SP), em 1981. É professor e diretor da Editora Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2018 fez sua estreia na poesia com *Quando o verão* (2018). Também publicou, em parceria com Guilherme Gontijo Flores, o livro *Algo infiel: corpo performance tradução*. Nos dois livros, Rafael Dabul fotografa. Com Flores também fundou, em 2015, o coletivo *Pecora Loca*, que mistura poesia, tradução e música. Tem poemas publicados nas revistas *Germinal*, *Philos*, *Literatura & Fechadura*, entre outras.

CAPA

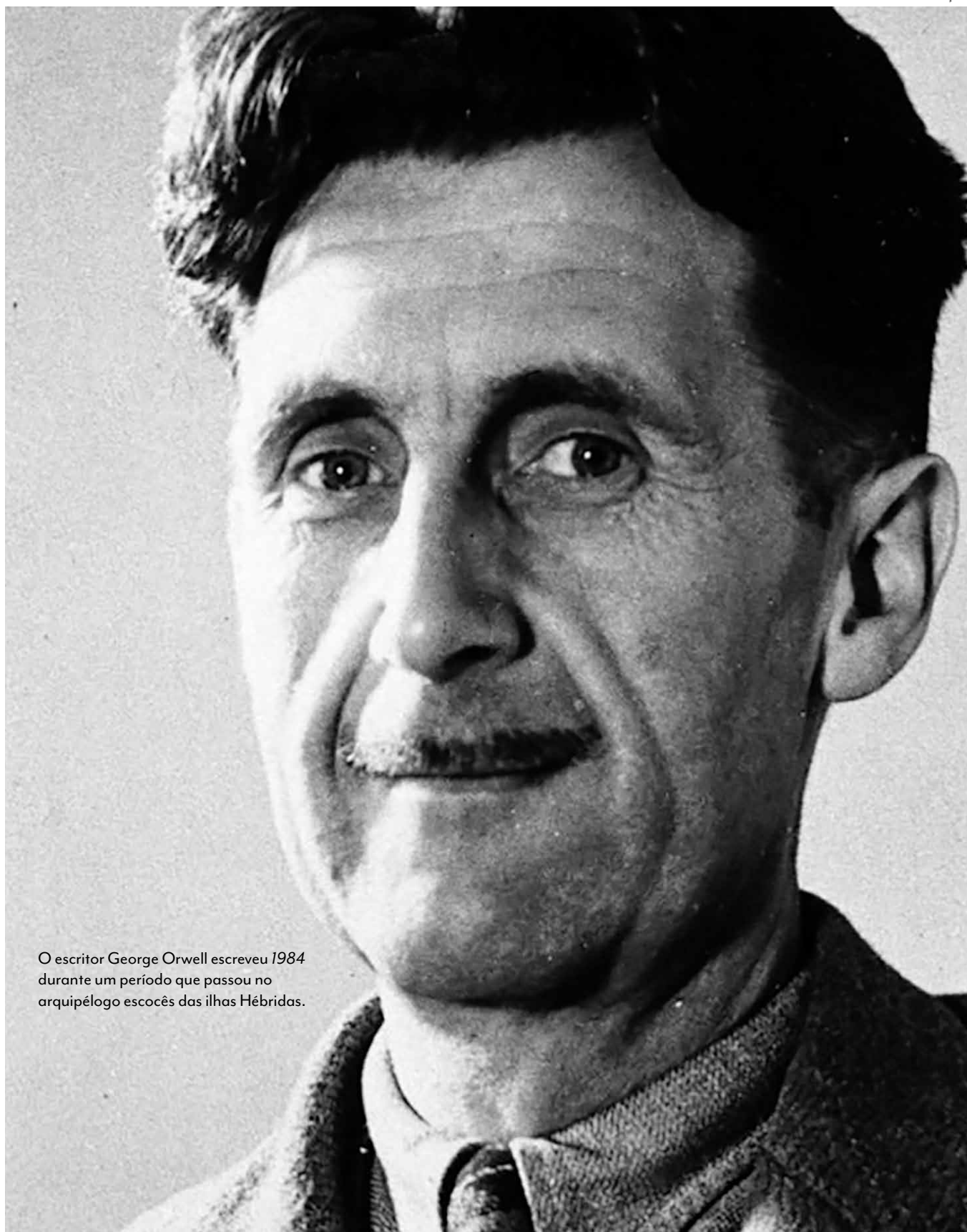


COMO ESTÁ HOJE UM PAÍS CUJO NOME ME ESCAPA?



Alegoria dos regimes totalitários, o romance *1984* completa 70 anos em 2019. O escritor Ignácio de Loyola Brandão revê o clássico de George Orwell, que permanece como uma obra fundamental para entender o passado e o presente

REPRODUÇÃO



O escritor George Orwell escreveu *1984* durante um período que passou no arquipélago escocês das ilhas Hébridas.

Escoam em minha cabeça afirmações dos governantes, dos atuais, do presidente tosco de um país cujo nome agora me escapa. “Somos a nova política, acabou a velha política”. Será que foi isso que George Orwell imaginou ao criar a “Velhafala” e a “Novilíngua”? E quando vejo a vida idealizada naquele que ainda é um dos romances mais assustadores que já li? *1984*, romance de George Orwell, tornou-se clássico desde sua publicação, um ano antes de seu autor morrer, em 1950. O lugar-comum diz que clássico é o livro que permanece atual, pode ser lido em qualquer época, tempo, data. Estremeci quando li pela primeira vez, aos vinte e poucos anos. Em seguida, enfrentei *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, lido nos silêncios das tardes da Biblioteca Pública Mário de Andrade, de Araraquara. Ah, se todos soubessem a riqueza de uma biblioteca, não sairiam de lá. Fiquei siderado com o livro de Huxley, que mostra um Estado Mundial, assim estabelecido: Comunidade, Identidade, Estabilidade. Aquilo, que aparentemente é um paraíso, é na verdade um inferno onde o Homem foi desumanizado. Quantos sabem que este romance foi idealizado a partir do quinto ato da peça *A tempestade*, de Shakespeare?

Anos mais tarde me encantaria também com *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Dizíamos que eram utopias, mas então veio uma nova palavra, distopia. Só muito depois fui conduzido à raiz de tudo, o livro de Thomas Morus, ou Thomas More, *Utopia*, palavra que em grego significa “Não Lugar”, ou “Lugar Nenhum”. Publicado em 1516, em latim, e na altura de 1520, em inglês. Nos últimos tempos, o “Não Lugar” passou a ser estudado na antropologia da supermodernida-

CAPA

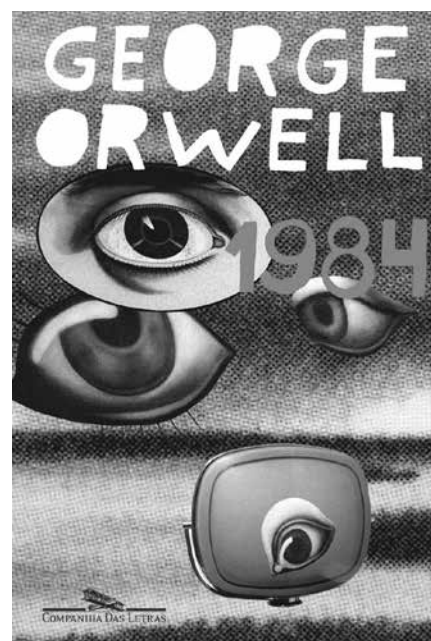
de, é um lugar onde todos estão, ou passam, mas não pertencem a eles, como hospitais, hotéis, estações, rodoviárias, shoppings e aeroportos.

Até hoje não consegui ler outra distopia famosa, *Nós*, do russo Ievgueni Zamiátin, publicado em 1924. Fiz esta breve introdução, uma vez que meu romance *Não verá país nenhum*, de 1982, acabou sendo considerado uma distopia no Brasil. E a ele seguiu *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*, meu livro mais recente, publicado em setembro do ano passado. Sem ter planejado, acabei fechando uma trilogia, se inserirmos meu *Zero*, de 1975. Mas nada é por acaso. O que começou com uma ditadura parece caminhar nas fímbrias de um novo e estranho período, onde o governo atual começa a negar a história do Brasil ao desmentir o Golpe de 1964, transformando-o em acomodação de camadas da história, ao rastejar diante do Trumpismo, ao saudar a bandeira americana, ao ter orgasmos por ter sido hospedado na Blair House (que é destinada a isso, hospedar estadistas estrangeiros, mesmo que não o sejam) e afirmar que o aquecimento global foi invenção de Karl Marx (1818-1883)...

1984, o livro. Já se foram 35 anos daquela data fatídica. Mas não é que está tudo acontecendo agora? Vejam só? Não estamos lendo os jornais, ouvindo as notícias de cada momento? “Viva Stroessner e Pinochet”; “Foi um banho de sangue no Chile, mas a economia foi recuperada, aqui precisamos de um banho de sangue.”

Refazer a história hoje em 2019. Orwell — pseudônimo de Eric Arthur Blair — já documentava em seu romance:

“O Departamento de Documentação não passava de um ramo do Ministério da Verdade, cuja função primeira não era reconstruir o passado e sim abastecer os cidadãos com jornais, filmes, livros escolares, programas de televisão, peças dramáticas, romances — com todo tipo imaginável de informação, ensino, ou entretenimento, de estátuas a slogans, de poemas líricos a tratados de biologia, de cartilhas, de ortografia a dicionários de Novafala... Havia uma série de departamentos dedicados especificamente à literatura, à música, ao teatro em benefício do proletariado. Ali eram produzidos jornais populares contendo apenas e tão somente esportes, crimes e astrologia, romances sem qualidade, curtos e sensacionalistas, filmes com cenas e mais cenas de sexo e canções sentimentais compostas de forma totalmente mecânica por uma moda-



lidade especial de caleidoscópio conhecida como versificador”.

Acaso não conhecemos aquele subator de subfilmes pornôns que hoje é o consultor nacional para projetos culturais?

Não parece uma fotografia, um documentário sobre este país cujo nome me escapa, em que a ministra da Mulher vê Deus nos galhos de uma goiabeira, em que a terra não é mais redonda, e sim plana, e uma excursão científica (????????) vai dar uma volta ao mundo para provar que somos planície? Em que uma deputada exige que alunos devem levar os celulares às aulas e gravar quando os professores emitirem opiniões que ofendam a religião, o Deus, a moral (qual moral?), ou tentarem pregar ideologias.

Atravessemos este livro que nos assustou por décadas pelo que predizia e comparemos aqui e ali com a realidade deste país cujo nome está na ponta da língua e agora me escapa. Em 1984 há a Liga Juvenil Antisse-

xo. Há a concessão a delinquentes da medalha da Ordem do Mérito Conspícuo, assim como hoje, aqui, sabemos que muitos milicianos cariocas foram agraciados com diplomas e elogios, mesmo estando numa penitenciária cumprindo penas. Há em Orwell o grupo que se ocupa da destruição das Palavras Inúteis como os antônimos. Afinal, diz um dos personagens, para que uma palavra que é exatamente o contrário das outras? Como usá-la? Afinal a Novafala estrutura o âmbito do pensamento.

Circulemos por um novo país, cujo nome me escapa agora. Sim, para quem não sabe, estou copiando a frase inicial de Dom Quixote: “Num lugarinho de La Mancha, cujo nome ora me escapa, não há muito viveu um fidalgo desses de lança em armeiro, adaga antiga, rocim magro e cão bom caçador”. Neste país (o que há com minha memória?), um governante explosivo, de fala reduzidíssima, que decora cartões com frases curtas, uma vez que não articula nenhuma frase coerente, se propõe estadista e declara: “A reforma das leis econômicas que podem nos salvar não tem mais nada a ver comigo, está com o Parlamento. A bola está com ele, bola pra frente...”. Vamos ver o que o professor decide, como diria um exausto jogador de futebol a uma rádio no final do primeiro tempo de um jogo truncado. Lava as mãos como Pilatos, dá as costas e vai para o “uatsap” comunicar.

Fiquei perplexo ao reler em Orwell a existência dos “Dois Minutos de Ódio produzidos pelos meios de comunicação, que se estendem para as Semanas de Ódio”. Esse é o trabalho hoje das redes sociais, que muitos bem-pensantes chamam de insociais, porque espalham ódio como uma epi-

demia que contamina, destrói famílias, amizades, ligações, amores.

Nesta sociedade de Orwell, comandada pelo Partido Único, a privacidade desapareceu, as câmeras estão por toda parte, disseminadas, a anonimidade tornou-se impossível, sabe-se onde estamos o tempo inteiro, sabem o que estamos fazendo, com quem estamos, o que pensamos (e para isto no meu romance *Desta terra...* criei os *thinkingchips*). Não sabemos onde, mas tudo é registrado e guardado, não sabemos quando tal material será usado e assim devemos ser cautelosos.

Não há teletelas, mas há as telinhas dos celulares, as telas de tevê,

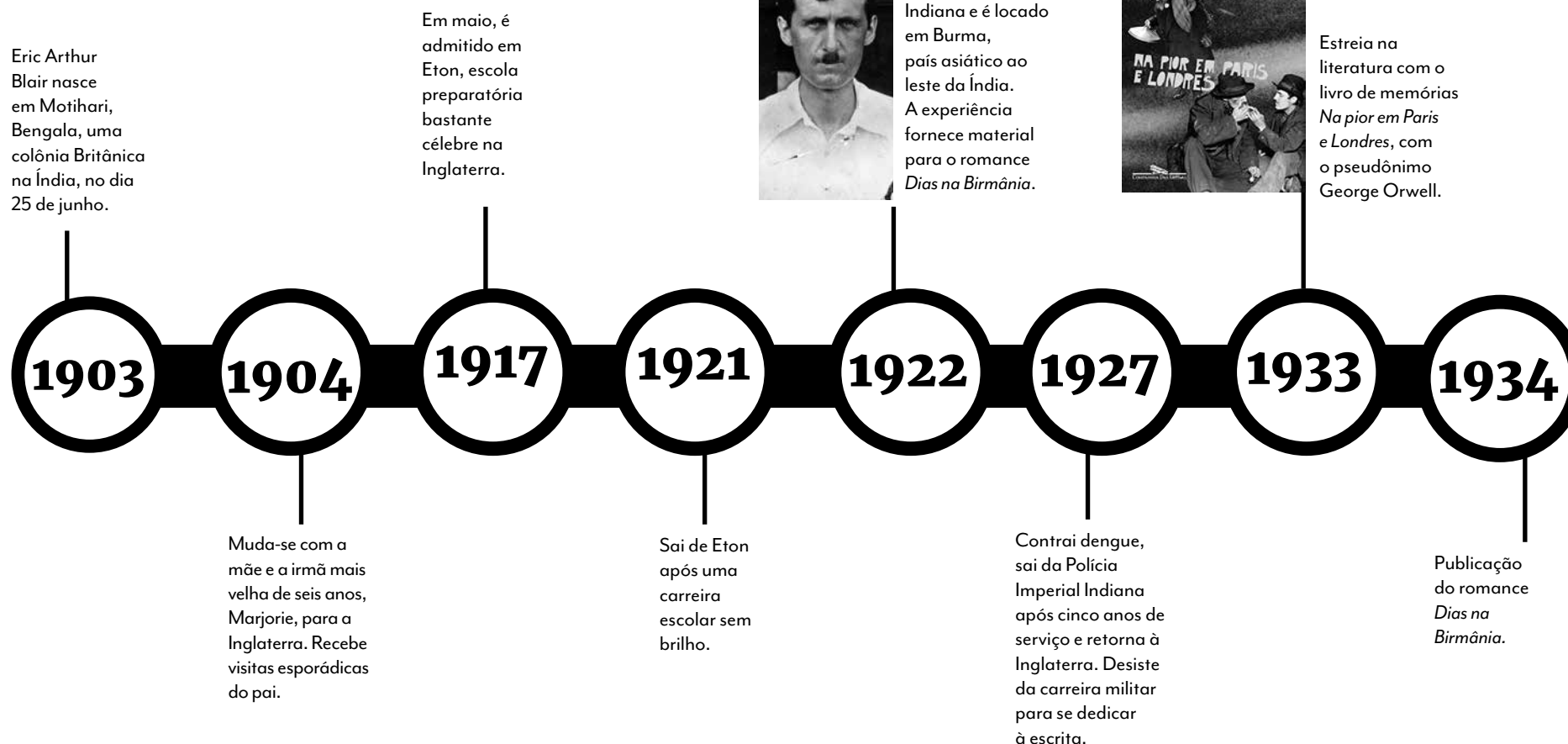
as câmeras que nos espionam e levam nossas imagens ao mundo, às agências governamentais, ao *Facebook*, ao *Instagram* e a outras redes sociais. Como é que não há mais Polícia de Ideias?

E o que são as redes, principalmente quando comandadas por energúmenos que as conduzem para o mal, que é a propagação de seus ensinamentos, ideias, ideologias, religião, crenças, filosofias?

Orwell mostra que naquele país dele, Oceânia, existe o Ministério da Pujança, a Polícia das Ideias, o Departamento de Ficção (este departamento é igual a um conhecido

Ministério da Educação deste país cujo nome me escapa, muitíssimo perto de nós, plena fantasia, perigosa fantasia, mergulhado na confusão, mixórdia de ideias, há meses sem um único projeto dedicado ao essencial de uma Nação, a formação de cidadãos). Há o Ministério do Amor. Estremeci ao reler o ritual (para nós censura) a que são submetidas publicações em um recinto secreto, invisível. Ele é assim descrito:

“Depois de efetuadas todas as correções e uma vez procedida a inclusão de todas as emendas, a edição era reimpressa, o original destruído e a cópia corrigida era arquivada no lugar da outra. Esse processo de alteração contínua valia não apenas para os jornais como também para os livros, periódicos, panfletos, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos — enfim para todo tipo de literatura ou documentação que pudesse ter algum significado político ou ideológico”.



CAPA

Isso existiu aqui na ditadura. Mas como? Não houve ditadura, foi apenas uma correção de rumos... Há também neste romance uma seção em que os nomes das pessoas são “vaporizados” ou expurgados, assim como Stalin fazia com as figuras dos inimigos nas fotos oficiais, eliminando-os para sempre.

Ao elogiar Pinochet — o que causou indignação ao atual presidente do Chile —, Stroessner (tido pelo nosso governo como um grande estadista) e o torturador Ustra, o chefe desta nação cujo nome está na ponta da língua segue as determinações deste outro país que Orwell retrata em 1984, uma das mais fortes distopias da literatura universal. Que parece tornar-se realidade hoje, aqui e agora, e daqui a pouco.

O Partido Único domina tudo, vê tudo, sabe tudo, vigia tudo, controla tudo, busca aniquilar as consciên-



Cena da adaptação cinematográfica de 1984, que o cineasta inglês Michael Radford filmou em 1956.

cias. E se todos os outros aceitarem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contarem a mesma, a única, história —, a mentira torna-se história. “Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado”, rezava... O indivíduo só precisava obter uma série interminável de vitórias sobre a memória. Controle da realidade era a designação adotada... “Mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma a outra, sabendo que são contraditórias e acre-

Publicação do segundo romance, *A filha do reverendo*.

Alista-se como voluntário na Guerra Civil Espanhola juntamente com a esposa. Leva um tiro na garganta durante o confronto.



- Morre Eileen O'Shaughnessy, vítima de uma cirurgia mal realizada.
- Publicação do quinto romance, *A revolução dos bichos*.



- Publicação do sexto e último romance, *1984*, que completa 70 anos em 2019.
- Casa-se com Sonia Brownell.

1935

1936

1937

1939

1945

1947

1949

1950

- Publicação do terceiro romance, *A flor da Inglaterra*.
- Casa-se com Eileen O'Shaughnessy, sua primeira esposa.

A Inglaterra entra na 2ª Guerra Mundial e Orwell submete seu nome para participar da batalha como voluntário, mas o pedido é negado devido ao seu estado de saúde debilitado.
- Publicação do quarto romance, *Um pouco de ar, por favor!*



Em Londres, devido ao frio intenso, queima seus livros e brinquedos dos filhos para obter calor. No mesmo ano é diagnosticado com tuberculose.

Morre aos 46 anos de idade, vítima de tuberculose, no dia 21 de janeiro.



O escritor trabalhou, entre 1941 e 1943, na seção de cultura da BBC, em Londres.

ditando nas duas. Considerando que o Partido mantém absoluto controle sobre todos os registros e sobre todas as mentes de seus membros, decorre que o passado é tudo aquilo que o Partido decide que ele seja.”

O que temos testemunhado? Idas e vindas, declarações e desmentidos, ideias desencontradas, incongruentes, que causam mal-estar aos mais lúcidos Assustei-me quando percebi que no romance *Desta terra nada vai sobrar...* foi eleito um presidente sem coração, outro sem memória, outro sem ideias e pensamentos, outro sem cérebro.

Trago um breve trecho do final de 1984, um diálogo entre o persona-

gem principal e um defensor do Partido Único e das normas sobre as quais está alicerçado o novo regime:

“Winston se recupera o suficiente para conseguir falar:

— Vocês não podem, disse com voz fraca.

— O que você quer dizer com isso, Winston?

— Vocês não podem criar um mundo assim como você acaba de descrever. É um sonho. É impossível.

— Por quê?

— É impossível criar uma civilização baseada no medo, no ódio e na crueldade. Uma civilização assim não pode perdurar.

— Por que não?

— Ela não teria vitalidade. Ela se desintegraria. Ela cometeria suicídio.

— Bobagem. Você está com a sensação de que o ódio provoca mais exaustão do que o amor. E por que seria assim? E se fosse, que diferença faria?...”

Concluo: que diferença está fazendo? Cada um de nós, que tem consciência, moral e ética sabe a diferença. ■

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO nasceu em Araraquara (SP), em 1936. É jornalista, contista e romancista. Entre os mais de 30 livros que publicou, destacam-se os romances *Zero* e *Não verás país nenhum*, duas das obras mais comentadas da literatura brasileira. O romance *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018) é seu livro mais recente. Em 2019, Loyola Brandão foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

CAPA

SEXO, TIRANIA, ORWELL E WILHELM REICH

O escritor Sérgio Augusto analisa *1984* a partir da repressão sexual em Oceânia, o país distópico criado por George Orwell

O partido único de Oceânia, o país autoritário de 1984, tem três slogans: Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força. O quarto fatalmente seria Amor é Ódio, recíproca consolidada quando seu mofino anti-herói, Winston Smith, finalmente admite estar amando aquele a quem mais odiava, o Grande Irmão. As motivações psicológicas desse ódio transformado em amor podem ser entendidas pelo que Wilhelm Reich escreveu sobre a manipulação da psique coletiva dos alemães pelo nazismo. Como fazer sexo sem empecilhos em Oceânia é quase impossível, a energia acumulada se converte, reichianamente, em histérica adoração do chefe supremo.

Escrito em 1933 mas só publicado em inglês dois anos antes de Orwell iniciar *1984*, *A psicologia de massas do fascismo* jamais passou pelas mãos do escritor. Não encontrei em suas reflexões sobre o totalitarismo nazifascista e a ditadura stalinista qualquer referência às teorias reichianas sobre sexo e poder. Orwell dava pouca importância à libido (a ponto de haver escrito um ensaio em que Henry Miller corre o risco de ser confundido com um congregado mariano), mas não evitou que,

em sua distopia, o sexo acabasse sendo o fulcro em torno do qual quase tudo gira. Reich teria deitado e rolado com a repressão sexual vigente em Oceânia.

Se alguém lá fosse surpreendido com uma prostituta, cinco anos de trabalhos forçados. Às ocultas, ainda tinha alguma chance de escapar às punições vigentes, já que as autoridades às vezes faziam vista grossa, pois de certa maneira interessava ao poder incentivar a prostituição como válvula de escape de instintos que não podiam ser totalmente suprimidos. “A luxúria em si”, lê-se num dos primeiros capítulos, “não tinha maior importância, contanto que fosse furtiva e sem alegria, e só envolvesse mulheres de uma classe submissa e desprezada”. O objetivo do Estado era desidrar o amor e retirar do ato sexual todo e qualquer prazer, reduzi-lo a uma operação ligeiramente repugnante, dentro e fora do casamento. A única função do casamento era procriar filhos a serviço do Partido, educados para este fim em instituições públicas. Não estamos muito distantes da metafísica do sexo de ideólogos fascistas como Julius Evola e Giovanni Gentile.

Nenhum moralismo por trás das restrições impostas pelo Grande Irmão. O *duce* de Oceânia apenas temia que do amor entre as pessoas surgisse uma força incontável, capaz de pôr em risco a sua onipotência. Por isso, em Oceânia, o ato sexual, quando exitoso, é considerado subversivo. Amor, portanto, é o maior crime cometido

por Winston e Julia. Cabe a ela, aliás, dar a melhor explicação sobre a filosofia da repressão ao sexo em Oceânia: “Quando amas, gastas energia; depois, ficas contente, satisfeito, e não te importas com coisa alguma. Eles não gostam que te sintas assim. Querem que te estoures de energia o tempo todo. Todo esse negócio de marchar para cima e para baixo, dar vivas, agitar bandeirolas, é sexo que azedou. Se estás contente contigo mesmo, por que havias de admirar o Grande Irmão, os Planos Trienais e os Dois Minutos de Ódio e todo o resto da maldita burrice?”.

Outrora fora diferente. Esse reconfortante passado só aparece em sonho, sob a forma de um éden ecológico, a terra dourada onde amor e natureza se encontram e se fundem, clichê de numerosas ficções futuristas. Há uma reserva onde se preserva um mundo verde, de céu azul e pureza infinita nas páginas de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. É além de um Muro Verde, fronteira do horror automatizado com uma floresta onde a liberdade reina absoluta, onde os personagens de *Nós*, distopia paradigmática do soviético Evgueni Zamiátin, que, aliás, muito influenciou Orwell, localizam o paraíso sobre a Terra. Ao menos na primeira versão comercialmente explorada de *Blade Runner*, a rota de fuga de Rick Deckard e Rachael terminava numa verdejante e ensolarada paisagem tropical em tudo contrastante com o degradado urbanismo de Los Angeles, onde toda a trama se desenrola.

Todo distopista é um passadista incurável. Seu futuro é sempre uma projeção amplificada do presente que de bom grado trocariam por um passado idealizado, preferencialmente em estilo bucólico. Nenhum passado vale tanto, é verdade, mas dependendo do presente que temos e o futuro com que nos acenam não há limite para a nostalgia. Orwell imaginou o inferno de Oceânia em 1947, mal feito da guerra, da morte da mulher (em 1945) e da irmã mais velha (em 1946) e às voltas com uma tuberculose que o mataria três anos mais tarde. Não surpreende que ele suspirasse pela democracia capitalista de, digamos, 1912.

Nas distopias, muitas das coisas que um dia foram triviais, rotineiras, adquirem valor desmedido, ou porque as

forçaram ao obsoletismo ou as proibiram. Uma cama dupla ainda era corriqueira em 1984, mas no romance de Orwell é algo tão extraordinário e cobiçável quanto um cantil cheio d'água no deserto. A cama dupla que Winston e Julia frequentam, no quarto em cima do antiquário de Charington, tem o mesmo peso das cores que os amantes de *Nós* encontram em outro antiquário, refúgio mágico e simbolicamente passadista de um cotidiano sitiado pela vítrea e gélida arquitetura do Estado Um.

Alguns críticos entendem a razão do saudosismo, mas o consideram basicamente reacionário. Afinal, o que é distopia para uns pode ser utopia para outros. Parte do que Huxley previu, horrorizado, para o *brave new world* de 2500 (destruição da célula familiar tradicional, inseminação artificial, etc), as feministas, sobretudo as afinadas com o dogmatismo de Shulamith Firestone (*A dialética do sexo*), na certa aplaudiriam.

As feministas nunca viram 1984 com muita simpatia. As mais ortodoxas por julgarem opressivo o amor romântico exaltado por Orwell. Nílharia. Há pontos menos discutíveis e mais sugestivos na profecia orwelliana à disposição das feministas. As fantasias de estupro (e assassinato) de Winston vis-à-vis Julia e o sectarismo exacerbado das mulheres de Oceânia têm uma explicação reichiana: toda inibição da gratificação genital intensifica o impulso sádico. Quanto maior a repressão sexual, maior a exacerbção. Justamente por ser menos reprimida é que Julia consegue rebelar-se, a seu modo, contra o Partido.

Orwell não explora essa condição privilegiada, preferindo investir mais na ideia de que a ignorância, se não fortalece, como apregea o Partido, torna menos sofrida — e até mais sadia — a vida dos súditos do Grande



Os atores Suzanna Hamilton John Hurt e em cena do filme *1984*, dirigido por Michael Radford.

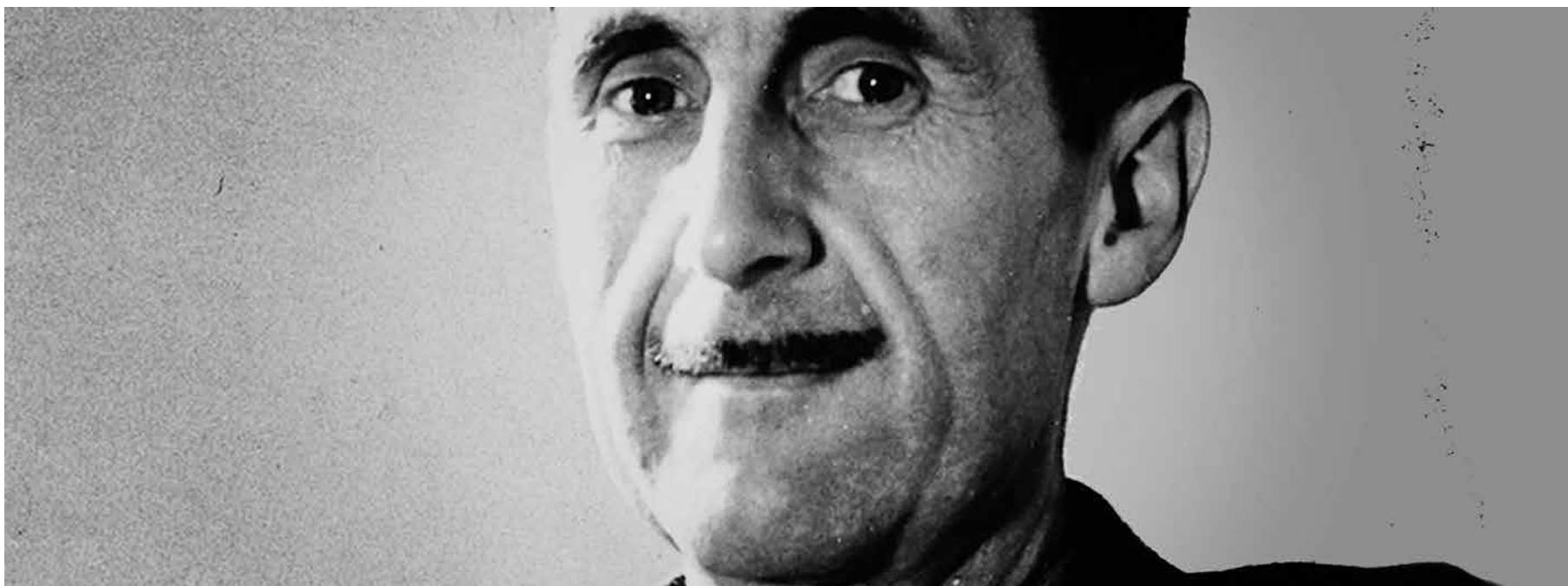
Irmão. Julia é uma saudável ignorante, “rebelde só da cintura para baixo”, sem gosto pela leitura, mas pronunciado gosto por cosméticos, meias de seda e sapatos de salto alto. Ora, Julia gosta do que é proibido, atitude política das mais audaciosas em Oceânia. Pior tratamento recebem a primeira mulher de Winston, a vulgar e vazia Katharina, e as matronas embagalhadas por partos sucessivos — felizes da vida, apesar de tudo.

Um contraponto entre as duas, Julia e Katharina, como Zamiátin fez com as duas amantes de *Nós*, teria enriquecido *1984* sem desviar Orwell de sua preocupação maior, que era valorizar menos a relação macho-fêmea (Winston-Julia) do que a rela-

ção pai-filho (O'Brien-Winston). De qualquer modo, foi ao dar em cima de Winston que Julia chamou-o à subversão da ordem, na Terra Dourada e numa velha cama de casal. Em Oceânia, o gozo é uma afirmação de individualidade a dois, uma revolta contra o instinto gregário, o panurgismo cabisbaixo e lobotomizado.

SÉRGIO AUGUSTO é jornalista e escritor. Trabalhou nas redações da revista *O Cruzeiro* e *IstoÉ* e nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Pasquim*. Hoje assina coluna no jornal *O Estado de S. Paulo*. Autor dos livros *Lado B* e *Este mundo é um pandeiro*. O texto publicado pelo **Cândido** saiu originalmente na *Folha*, em 1984, e foi revisto pelo autor para esta edição.





NADA MAU PARA UMA VIDA CURTA

De voluntário na Guerra Civil Espanhola a delator de comunistas: não faltaram emoções nem contradições na vida do escritor inglês George Orwell

JOÃO LUCAS DUSI

George Orwell (1903-1950) faz parte do seleto grupo de escritores que têm seus nomes transformados em adjetivos. Para o jornalista e escritor inglês Christopher Hitchens (1949-2011), o termo “orwelliano” pode servir tanto para fazer referência “à tirania, medo e conformismo esmagadores” quanto para “reconhecer que a resistência humana a esses terrores é inextinguível”. De

fato, a literatura desse autor nascido em Motihari, na Índia Britânica, caracteriza-se pela crítica social e por um quê de revolta desde o princípio.

Após passar quatro anos como bolsista no internato de Eton, já vivendo na Inglaterra, Eric Arthur Blair — o verdadeiro nome de Orwell — embarca no navio SS Herefordshire rumo à Birmânia, um país ao sul da Ásia, onde trabalhou para a Polícia Imperial Indiana de 1922 a 1927. Os cinco anos de serviço bastaram para Blair largar a vida militar e se dedicar à escrita, contrariando o caminho que talvez fosse mais óbvio, já que seu pai também servira à Coroa como um executivo de comércio de ópio entre a Índia Britânica e a China. Sobre esse período iniciático na literatura, registrou: “Consegui mais ou menos o mesmo que a maioria dos jovens que enveredaram por uma carreira literária — isto é, nada”.

A experiência como policial inspirou o romance *Dias na Birmânia*, de 1934, mas o que lhe rendeu con-

teúdo para a estreia literária foi a penúria que enfrentou logo depois de abandonar seu cargo governamental. As dificuldades financeiras e o contato direto com todo tipo de gente à margem da sociedade serviram de base para o livro *Na pior em Paris e em Londres*, publicado em janeiro de 1933. Apesar da entusiasmada recepção crítica, George Orwell — pseudônimo que estampou a capa de seu *début* literário — precisou trabalhar, entre outras coisas, como professor e empregado de meio período numa livraria para se sustentar.

Mesmo tendo considerado que “nenhum trabalho é mais fascinante do que ensinar” e ter sido estimado como professor, Orwell seguiu publicando romances regularmente. Após lançar os dois livros citados acima, publicou os romances *A filha do reverendo*, em 1935, e *A flor da Inglaterra*, um ano depois, no mesmo período em que se casou com Eileen O’Shaughnessy. Ao lado da esposa, pouco depois de se juntarem, Orwell respon-

deu à ameaça fascista na Espanha empunhando um rifle e se embrenhando, mais uma vez, nos campos de batalha.

Junto aos companheiros do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), teve seu papel na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) contra a tentativa de golpe de estado promovida pelo general fascista Francisco Franco, que tinha o apoio dos ditadores Benito Mussolini, da Itália, e Adolf Hitler, da Alemanha. Em um dos confrontos, tomou um tiro na garganta. O ferimento físico, porém, talvez não tenha sido o mais impactante dessa experiência.

Ao travar contato direto com os bastidores da revolução, Orwell concluiu que “se o Líder disser a respeito de um evento ‘Isso nunca aconteceu’, então isso nunca aconteceu. Se ele disser que dois mais dois são cinco, então dois mais dois são cinco”. Essa aguda noção de submissão do povo a uma voz intocável, mais suas já características aversões ao fascismo e ao imperialismo, podem ter sido peças-chave na elaboração de seus dois clássicos.

O alegórico *A revolução dos bichos* (1945), que funciona como uma fábula sobre a Revolução Russa de 1917, chegou a ser confiscado e queimado por autoridades americanas na Alemanha. O manuscrito, aliás, sobreviveu a um bombardeio nazista durante a Segunda Guerra Mundial, o que não deixa de ser um fortuito acaso que demonstra a resistência simbólica da obra. Outra curiosidade em torno do livro é que ele foi publicado cinco meses após a morte da esposa do autor, Eileen, vítima de uma cirurgia mal realizada.

Já *1984*, que a princípio se chamaria *O último homem da Europa*, completa 70 anos de sua publicação em 2019. O romance conta a história do funcionário público Winston Smith e sua paixão proibida, num futuro distópico em que sentimentos são considerados ilegais e o Grande Irmão está sempre de olho. Assim como seu predecessor, o livro está próximo de uma morte — desta vez do próprio autor, que contraiu tuberculose e morreu em janeiro de 1950, aos 46 anos de idade.

CONTRADIÇÕES E IRONIAS

Uma cena protagonizada por George Orwell durante a Guerra Civil Espanhola diz muito sobre seu curioso modo de enxergar as coisas. Apesar de não ter hesitado em ir à luta em prol da resistência espanhola contra o fascismo, ele não atirou em um inimigo ao vê-lo sair correndo de uma latrina com as calças na mão. Esse acontecimento aponta para a veracidade de um comentário de Christopher Hitchens sobre a mudança de visão de mundo do escritor inglês: se o jovem Orwell “tinha fantasias sobre enterrar uma baioneta nas tripas de um sacerdote birmanês”, na

época em que nutria maiores inclinações patrióticas e foi soldado da Polícia Imperial Indiana, o passar do tempo o transformou num “paladino da independência da Birmânia”.

Ainda sobre desdobramentos relacionados à sua participação naquela Catalunha em chamas da década de 1930, um arquivo da KGB — datado de julho de 1937 — mostra que a inteligência russa havia classificado Orwell e sua esposa como “trotskistas declarados”. Abertamente contra o governo stalinista da Rússia e avesso aos regimes autoritários de esquerda que eclodiam na Europa, o autor teria elaborado uma lista negra com o nome de 86 simpatizantes do comunismo e a compartilhado com a *Information Research Department* (Departamento de Estudo de Informações) da Inglaterra.

Essa informação, que coloca Orwell na posição de delator, reverberou através do livro *Britain's secret propaganda war* (1948-1977), de Paul Lashmar e James Oliver, na década de 1990. O fato, porém, já constava na biografia *George Orwell: A life* (1980), de Bernard Crick. Sobre o acontecimento, o escritor Richard Riss, que fora amigo pessoal de Orwell, diz que a lista surgiu de uma espécie de jogo que faziam, no qual opinavam “sobre quem era agente pago do quê” e, na sequência, deviam “estimar o grau de traição a que estariam dispostas as nossas *bête noires* favoritas”.

Para além das questões políticas que marcaram a trajetória de Orwell, os embates morais também lhe causaram conflitos. Por mais que tenha sempre tentado romper com os modos burgueses que vigoravam na Inglaterra e no seio das famílias que serviam à Coroa, ele não conseguiu escapar de uma ortodoxia um tanto tradicional nas questões de sexo e moral, além de condenar o aborto e

não ver os homossexuais com bons olhos. Afora isso, sua relação com as mulheres também não foi das melhores. O narrador de *A flor da Inglaterra*, por exemplo, a certa altura dispara: “Essa história de mulher! Quanto aborrecimento! Pena não conseguirmos cortar por completo, ou pelo menos nos comportar como os animais — minutos de luxúria feroz e depois meses de gélida castidade”.

De modo geral, no plano da ficção, Orwell se culpava pela baixa qualidade de sua obra, pois sentia viver num período que impossibilitava uma “atitude puramente estética diante da vida”. Não seria possível, segundo o autor, “dedicar-se à literatura com tanta singularidade de propósito como Joyce ou Henry James”, já que havia uma “consciência de enorme injustiça e miséria do mundo”. Não devemos esquecer que *Ulysses*, de James Joyce, foi lançado em 1922, ou seja, 11 anos antes da estreia literária de Orwell. A década que separa as publicações teria afetado a visão de mundo dos autores a esse ponto? Elucubrações à parte, é fato que — pouco antes de sua morte precoce — o escritor inglês manifestou o desejo de que fossem impedidas as reedições de *A filha do reverendo* e *A flor da Inglaterra*. Os livros circulam até hoje.

Em tantas idas e vindas, George Orwell deixou um legado tão controverso quanto marcante. O seu clássico distópico, *1984*, está inegavelmente enraizado no imaginário popular e a fábula de *A revolução dos bichos* persevera como uma alegoria bastante lida sobre estados autoritários e suas hipocrisias. De soldado voluntário na Guerra Civil Espanhola, passando por delator de comunistas a escritor de um clássico contemporâneo, Orwell marcou o século XX e segue atual. É como cravou Christopher Hitchens: nada mau para uma vida curta. ■

FOTOGRAFIA

PASSADO E PRESENTE

A atual sede da Biblioteca Pública do Paraná, inaugurada em 1954 e tombada pelo Patrimônio Cultural em 2003, acaba de passar por um intenso processo de modernização, que durou oito anos. Projetada pelo arquiteto Manoel Coelho, a revitalização geral do prédio histórico incluiu desde a pintura até o mobiliário, passando pela iluminação, cantina dos funcionários e a instalação de um café — uma demanda antiga dos usuários.

Apesar da modernização, a Biblioteca Pública de 2019 conserva muito de sua essência original. Esse contraste harmonioso entre o antigo e o novo é um dos motes de Por dentro da Biblioteca, série de imagens produzidas pelo fotógrafo Eduardo Macarios para comemorar o 162º aniversário da instituição — ocorrido no último dia 7 de março. Frequentador do espaço desde a infância, ele se diz interessado pelas marcas e vestígios deixados por leitores e funcionários no dia a dia da BPP, ao longo de todos esses anos.

Outro eixo explorado por Macarios é o projeto arquitetônico do interior do prédio, especialmente a iluminação, as escadas, os mezaninos das salas de leitura e a organização dos espaços de forma geral. “Quis mostrar imagens menos óbvias da Biblioteca, que já é bastante conhecida pela sua ‘casca’, pelo seu exterior. Ainda que a BPP faça parte da minha memória afetiva, não me canso de encontrar elementos novos em seus corredores. É um olhar que parece nunca se esgotar”, afirma. ■





FOTOGRAFIA





O PRINCÍPIO DA INCERTEZA

A cidade e seu destino, não sei por que escolhi essa palavra, mas queria evitar “cotidiano”, aconteciam sem perceber a proximidade do fim das luzes. Há dois mil anos eram os romanos e suas tropas que suavam e tremiam de frio sobre essa planície, agora se transformaram em meras citações em livros de história. Carnes e ossos extintos, memórias despejadas no balde universal, suas consequências espalhadas e dissolvidas dentro de dois mil anos. Mas um dia, algum romano tirou seu capacete e olhou para o horizonte, antes de adormecer sobre a relva foi mergulhado em um turbilhão de ideias que terminaram onde haviam começado. Então, sem muito refletir, apenas constatando o que todos percebem, ele sentenciou, somos todos muito comuns, nunca saberemos a verdade das coisas, essa espada e esses ornamentos são mentiras que não me fazem melhor do que ninguém. Nenhum dos Césares está em situação diferente da minha. Depois adormeceu exatamente no lugar onde estão meus pés. Em dois mil anos haverá alguém aqui, refletindo sobre mim e meu completo anonimato, emprestando-me nome e profissão, apenas para que o nada possa ser capturado com

as mãos para ser colocado dentro de um copo vazio.

Talvez essa pessoa seja Jacques Coeur, meu personagem, mas nem por isso mais ou menos real do que eu. Naqueles dias, Jacques acumulará dois mil e seiscentos anos de idade e estará acostumado à sua condição de imortal, coisa que lhe faltava no século 21. Haverá aprendido a não perseguir objetivos, esquecer-se de medir o tempo e olhar para os outros seres humanos como um criador de gansos que passeia entre os animais e está alheio a seus barulhos e movimentos. Talvez descobrirá também que, além dele, há outros imortais caminhando há séculos pelo planeta e mais algumas pessoas que passaram a viver centenas de anos através do progresso da ciência e da medicina. Perceberá, então, que

ao contrário do que possa parecer essas pessoas não poderão lhe servir de companhia, e o melhor que faz é manter-se afastado delas, escondendo sua condição de todos. Apesar de a solidão ser inevitável, ela o fará sofrer cada vez menos.

Descobrirá alguns momentos de prazer desconhecidos anteriormente. Aqui mesmo, nesse lugar, sentirá que o sol, a temperatura, a luz, os sons ao redor, a combinação mágica de todas as sensações com toda e qualquer ideia e percepção da realidade, tudo misturado a uma camada sem peso nem voz, mistério sem medidas, o estar-se vivo naquele tempo e espaço, o existir para si e para outro. Mergulhar dentro dessa imensa mistura pode trazer um prazer desconhecido aos mortais.

A alma é inundada por uma plenitude sem par, na piscina da eternidade o perfeito soldado estoico descansa seus músculos, transforma sua espada na calma de um riacho e sua coragem no voo de uma borboleta. Mais do que sentir, ele passa a compreender, enxerga todas as cores e ouve todas as vozes, ama todas as mulheres e homens ao mesmo tempo, e também os perfura com a ponta de uma lança, experimenta todos os nascimentos e mortes em um piscar de olhos e antes que o olho se feche acumula a experiência de todos que existirão, compreende o fim do universo e seus renascimentos cíclicos e toda a estranha e complexa tessitura do cosmos.

Sob minha pegada já pesaram o soldado romano e o imortal Jac-

ques, uso o verbo no passado porque, no fundo, todas as coisas já aconteceram, algumas esperam a hora para serem reveladas para determinadas consciências. Mas, 27 séculos após Jacques, haverá outros pés e 786 séculos depois, mais outros, todos buscando o próximo passo, a expectativa, a vida acima de tudo, todos gritando seus egos para um mundo sem ouvidos.

Um vento gelado me traz de volta para esse instante, que sou eu, espremido entre tempo e espaço, não conseguindo chegar a conclusões ou decifrar sentidos, apenas narrando para eventuais plateias o que sinto e vejo. A noite derrota as luzes, o mundo acalma. Hora de voltar para a estação e pegar o trem para Paris.

Não, não tenho que voltar. Nada me prende. Não sou meia hora


depois, sou gota de água enquanto chove. Nunca acreditei nisso, por isso sempre fui... não importa mais, tudo morto, sou o sumo do mundo, a água em movimento, a música sem notas, equação sem números. Sigo, porque é inevitável, e o inevitável é a verdade, mas ela, a verdade, não é necessariamente boa, pois a bondade pode ser mortal, e a morte um doce refúgio. Não quero nada, ambicioso desejo dentro do qual despejo minhas mais nobres energias. Aniquilo-me para renascer, como costumam fazer os universos. Imitando-os, aumento minha silhueta, fazendo com que uma pequena vela projete minha sombra sobre várias galáxias. Depois, para mostrar que a verdade é a arma dos hipócritas, finjo humildade, reencarnando, ou escrevendo, ou imaginando-me um simples pastor de ovelhas desesperado por não encontrar água para seu rebanho. ■

GUIDO VIARO é escritor, cineasta e membro da Academia Paranaense de Letras. *O princípio da incerteza*, do qual o **Cândido** publica o trecho acima, é seu 15º romance. Vive em Curitiba (PR).

BRASIL EM REVISTA






2019



-Comecei mentindo para a minha mãe.

FINAL FELIZ PARA PESSOAS POLITIZADAS



ANDRÉ DAHMER nasceu em 1974, no Rio de Janeiro. É desenhista e artista plástico, criador das séries de quadrinhos *Malvados*, *Quadrinhos dos Anos 10*, *Vida e obra de Terêncio Horto*, entre outras. Atualmente, suas tiras são publicadas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

POEMA | MARINA COLASANTI

ILUSTRAÇÃO: VISCA

O QUE SE VAI

MARIANA COLASANTI nasceu na Eritreia, na África, em 1937. Desde os anos 1940 vive no Rio de Janeiro (RJ). Escritora, jornalista e tradutora, Colasanti tem uma vasta obra, com mais de 50 títulos, que inclui livros de poesia, contos e literatura infantil e infantojuvenil. Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura. O poema publicado pelo *Cândido* faz parte do novo livro da autora, *Mais longa vida*, que sai em agosto pela editora Record.

Perco os cabelos
como perco os dias
um a um.
Um fio
de toda a cabeleira
nada vale.
Da vida
pouco vale
um dia somente.
Porém
o cabelo no pente
o dia no travesseiro
se alinham
idos
perdidos
mortos
e o que se vai
mais pesa.
Não terei calva a cabeça
isso é seguro
a cada fio que parte
um se enraíza
— o crânio é campo fértil
mais que a vida.
Os dias
no entanto
têm sua cota de estoque
limitada
e eu os vejo passar em fila indiana
sem que reposição me seja dada
e sem saber o ponto
em que a fatura
terá que ser quitada.

